NÚCLEO JURÍDICO DE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

RELATÓRIO FINAL

20ª PARADA DO ORGULHO LGBT

BELO HORIZONTE | 2017

RELATÓRIO FINAL DA 20ª PARADA DO ORGULHO LGBT | BELO HORIZONTE | 2017
DIVERSO UFMG | NÚCLEO JURÍDICO DE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

AUTORAS
Gabriela Dantas Rubal
Sabrina Carozzi Bandeira
Suzani Martins Ribeiro

COORDENAÇÃO ACADÊMICA
Pedro Augusto Gravatá Nicoli
Marcelo Maciel Ramos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Sabrina Carozzi Bandeira

FACULDADE DE DIREITO E CIÊNCIAS DO ESTADO DA UFMG
Av. João Pinheiro, 100 – Centro 30.130-180 – Belo Horizonte / MG – Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 02
OBJETIVOS E METODOLOGIA 03
DADOS SOCIOECONÔMICOS 04
- FAIXA ETÁRIA 04
- ORIGEM DOS PARTICIPANTES 04
- IDENTIDADE DE GÊNERO 05
- ORIENTAÇÃO SEXUAL 07
- RAÇA, COR E ETNIA 08
- RENDA FAMILIAR 10
- ESCOLARIDADE 11
- INSTITUIÇÕES DE ENSINO 11
- EMPREGABILIDADE 13

PARTICIPAÇÃO: MOTIVOS E EXPECTATIVAS 14
NECESSIDADES URGENTES 17
POLÍTICA 18
RELIGIÃO 22
FAMÍLIA 24
SAÚDE 27
- SAÚDE DA MULHER LÉSBICA 30

EDUCAÇÃO 32
TRABALHO 37
VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA 40
BLOCO TRANS E TRAVESTI 43
- SAÚDE 43
- EDUCAÇÃO 47
- FAMÍLIA 50
- TRABALHO 51
- VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA 53

CONCLUSÕES 57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 58

RELATÓRIO DA 20ª PARADA DO ORGULHO LGBT DE BELO HORIZONTE

PÚBLICO TOTAL: 80.000 PESSOAS (BeloTur/PBH)
AMOSTRAGEM: 494 ENTREVISTADOS

INTRODUÇÃO

Este é o relatório final da pesquisa anual realizada pelo Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero – na **20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte**, Minas Gerais em 2017. Com o tema **"Famílias e Direito: nossa existência é singular, nossa resistência é plural"**, a edição deste ano fomentou a inclusão e acolhimento de identidades dissidentes de gênero[1].

Nesta edição do relatório, as particularidades da população transexual e travesti serão tratadas num bloco específico, que trabalhará com informações relacionadas a saúde, educação, família, trabalho, violência e segurança pública desse grupo.

Com suas bandeiras, a Parada tornou pública a necessidade de avanços nas políticas públicas dirigidas às pessoas LGBT. Neste contexto, o relatório tem o objetivo de compreender as principais demandas sociais e políticas das(os) participantes do evento.

Realizada desde 1998, a parada atraiu cerca de 80 mil pessoas em 2017, segundo estimativas da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte (BeloTur). O número representa um aumento de 33% em relação ao público do ano passado, quando se registrou a presença de 60 mil participantes.

[1] Identidades dissidentes de gênero são aquelas que rompem com a normatividade e o binarismo. Na pesquisa, ao usar esses termos nos referimos a transexuais, travestis, não binários e intersexos.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Com o objetivo de traçar o perfil dos visitantes e moradores de Belo Horizonte que participaram da **20ª Parada do Orgulho LGBT**, foram coletados dados referentes ao perfil socioeconômico; às reivindicações individuais, coletivas e sociais; à inserção e convicções políticas das(os) participantes do evento.

Para a população estimada de **80 mil pessoas**, foram aplicados 494 questionários no dia 16 de julho de 2017 durante a realização do evento em Belo Horizonte. Efetivamente foram respondidos 425 questionários na técnica de amostragem aleatória simples, admitindo um erro padrão de 5% e um grau de confiabilidade de 95%.

A aplicação dos questionários foi feita pessoalmente por pesquisadores do Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero. A coordenação geral da pesquisa ficou a cargo do Observatório do Turismo de Belo Horizonte, Diverso UFMG e do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais – Cellos MG.

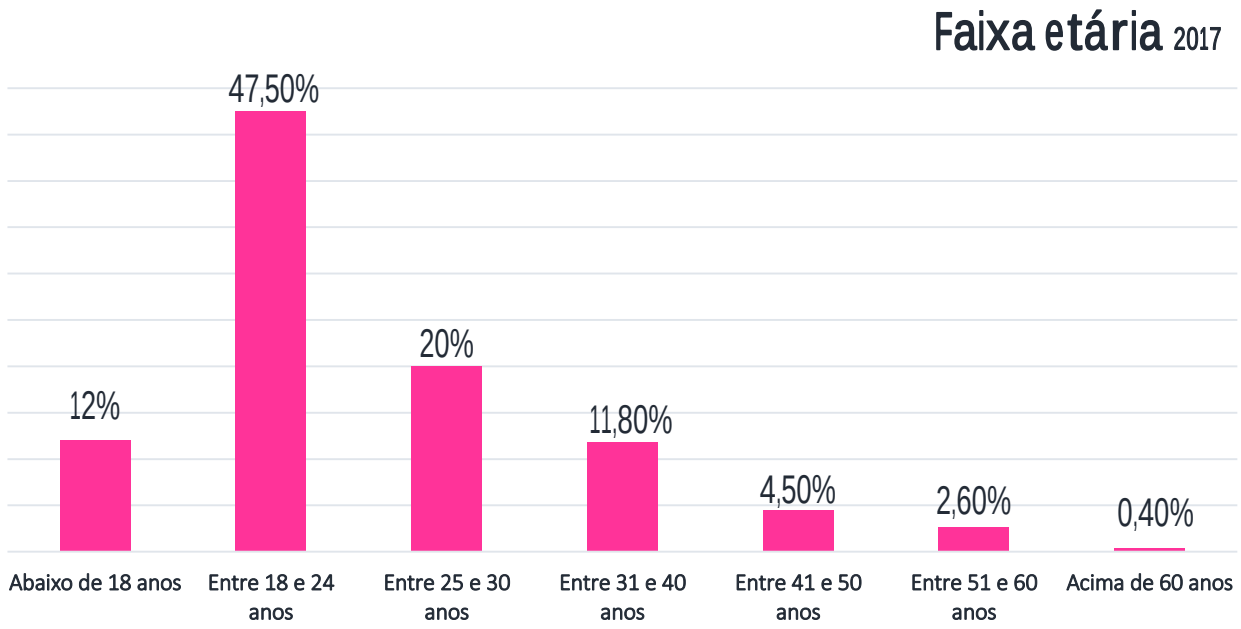
Para análise dos resultados obtidos, formulação de tabelas e cruzamento de dados, foi utilizado o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), comumente utilizado em pesquisas na área de Ciências Sociais.

DADOS SOCIOECONÔMICOS

FAIXA ETÁRIA

Assim como na edição anterior da Parada, o evento de 2017 contou com um público predominantemente jovem, registrando a média de idade de 25,6 anos. Foram registradas 47,5% de pessoas com idade entre 18 e 24 anos, seguidas pelas(os) participantes:

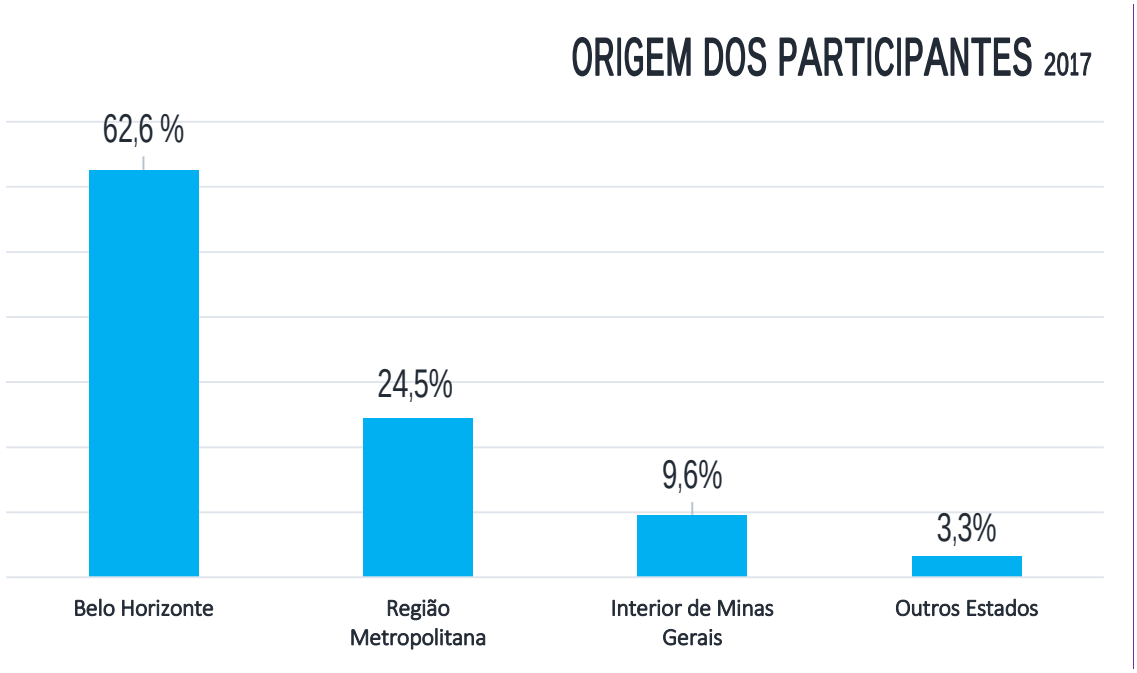
- Abaixo de 18 anos (12%);
- Entre 25 e 30 anos (20%);
- Entre 31 e 40 anos (11,8%);
- Entre 41 e 50 anos (4,5%) e
- Entre 51 e 60 (2,6%).
- Acima de 60 anos (0,4%)



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

ORIGEM DOS PARTICIPANTES

Mantendo o perfil do evento do ano passado, a maior parte das(os) participantes é de Belo Horizonte (62,6%) e da Região Metropolitana (24,5%), somando 87,1%. Dentre os turistas, a maioria veio de outras cidades de Minas Gerais (74,5%) e 10,9% vieram de São Paulo e Rio de Janeiro.



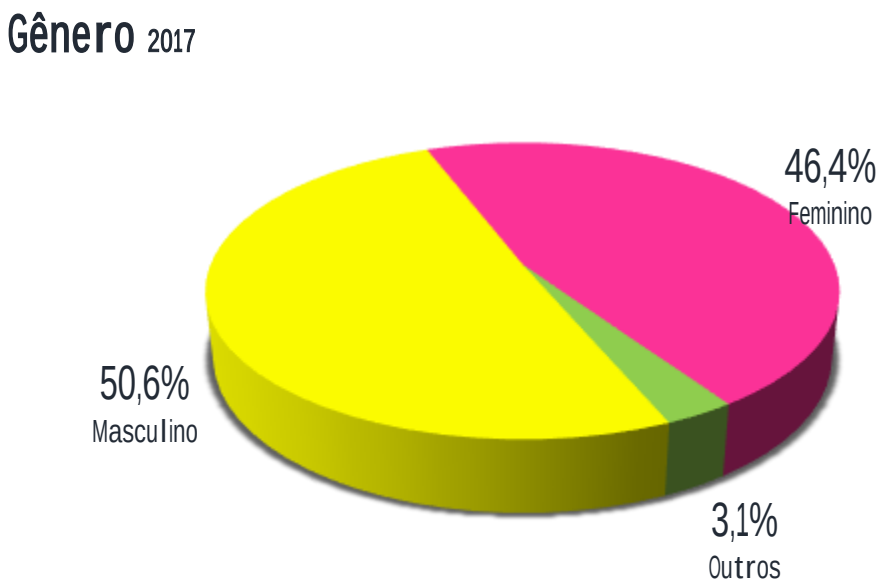
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

IDENTIDADE DE GÊNERO

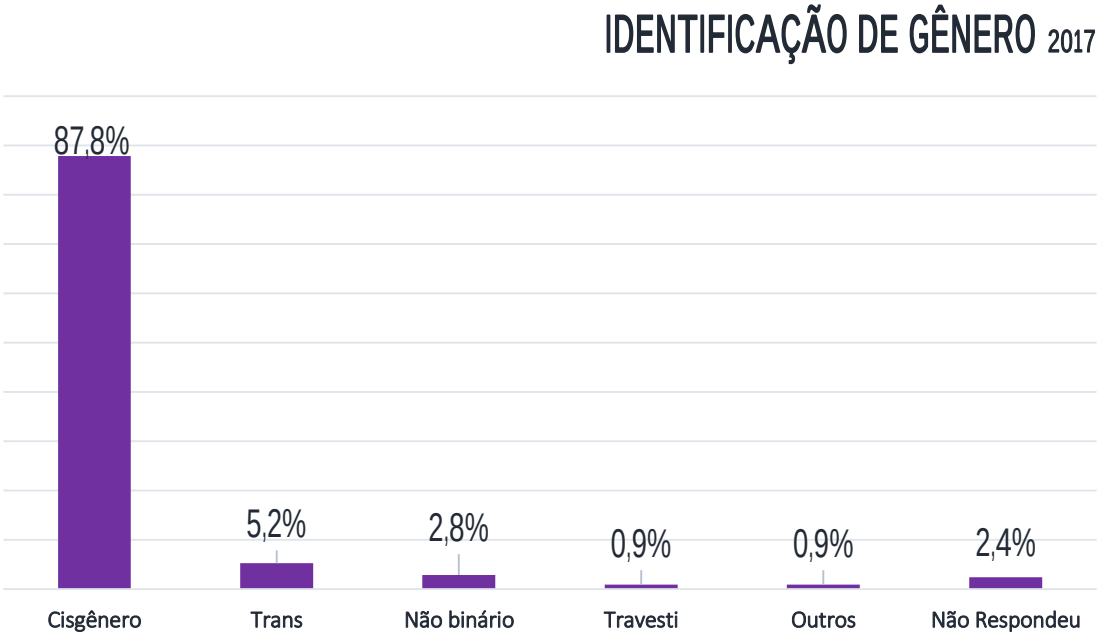
A maior parte das(os) participantes da 20ª Parada do Orgulho LGBT se declararam **cisgênero** – pessoas que se **identificam** com o gênero igual ao sexo de nascimento –, registrando 87,8% do total. Dentre essa população, foram registradas 41,6% de mulheres e 46,1% de homens.

Apenas 5,2% das(os) participantes se declaram como **transgênero** – pessoas que **não se identificam** com o gênero igual ao sexo de nascimento. Foram contabilizadas 1,6% de mulheres trans e 2,8% homens trans. Se declararam como **não binários** 2,8% do total de participantes – indivíduos que não se identificam com o padrão binário que divide pessoas entre homens e mulheres.

Em 2017, o número de pessoas que se declararam **travestis** somou 0,9% do total do público. Foram registrados 0,5% das(os) participantes que se declararam como **intersexo** – pessoas que possuem características de ambos os sexos. Apenas 2,8% das pessoas não responderam, não souberam responder ou não se identificaram com nenhuma categoria.

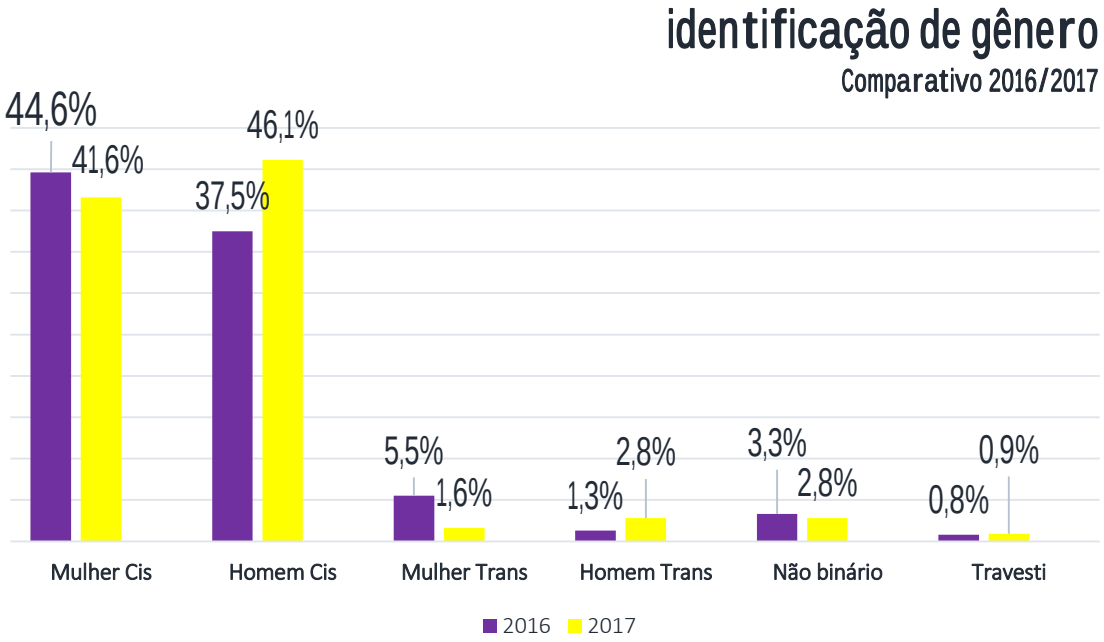


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

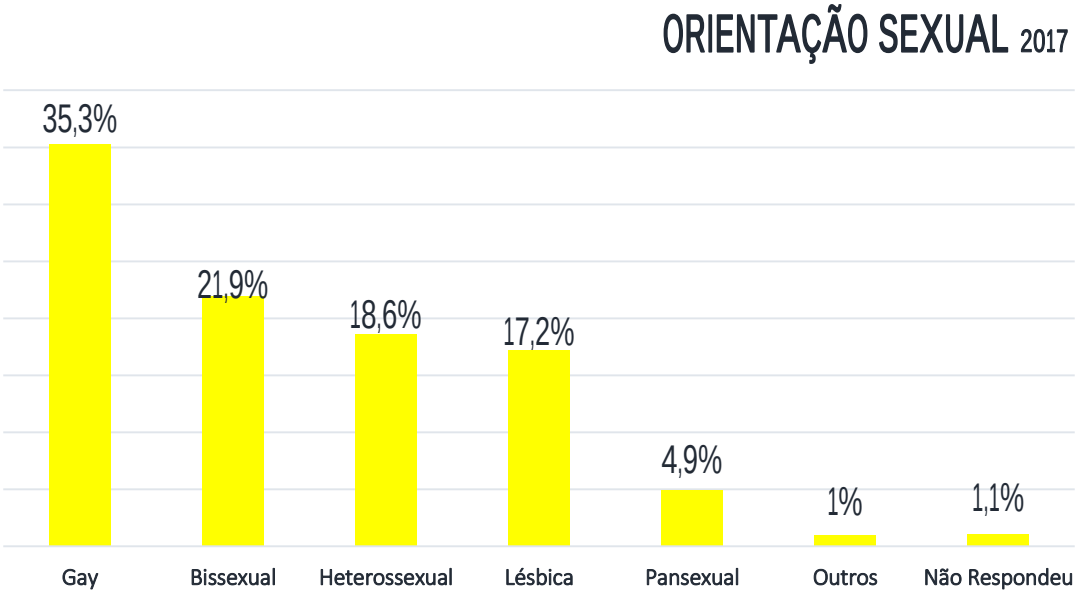
Esses números, quando comparados a edição anterior da Parada, não mostraram grandes mudanças. Afinal, na parada do ano passado, eram 44,6% mulheres cis; 37,5% homens cis; 5,5% mulheres trans; 3,3% não binários; 1,3% homens trans; e 0.8% travestis. Com isso, por menor que seja, pode-se relatar uma diminuição de 3% de mulheres cis, 1,6% de pessoas trans e 2,8% não binários. A quantidade de travestis permaneceu a mesma enquanto a maior diferença encontra-se no aumento de 8,6% do público masculino cis na parada deste ano.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

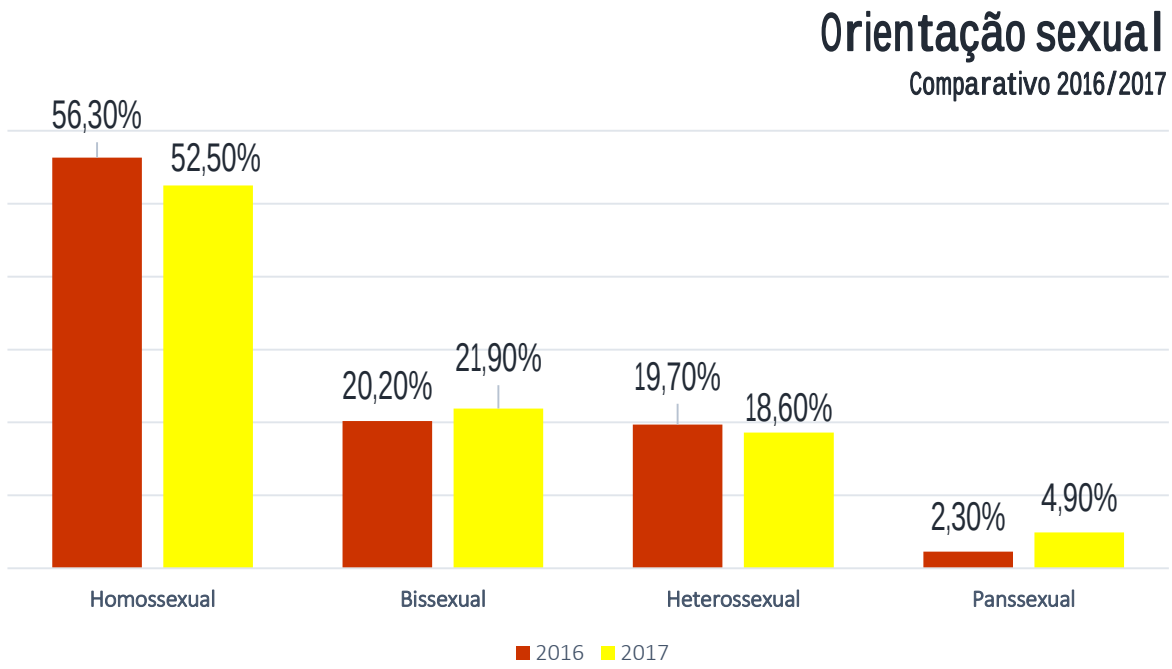
ORIENTAÇÃO SEXUAL

Em relação à afetividade e sexualidade, a maior parte das(os) participantes do evento se declarou **homossexual**, totalizando **52,5%** do total. Deste número, a maioria se declarou **gay** (35,3%) e **lésbicas** somaram 17,2% do público. **Bissexuais** foram o segundo maior grupo que participou da Parada do Orgulho LGBT de 2017, somando 21,9% do total. **Heterossexuais** eram 18,6% e **pansexuais**, 4,9%. **Androssexuais**, **assexuais** somaram 0,9% do total de entrevistados. Apenas 1,1% não responderam ou não souberam responder.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

Ao analisar os resultados dos relatórios referentes ano de 2016 e de 2017, torna-se possível observar uma diminuição do público homossexual (em 3,8%), e do público heterossexual (em 1,1%) na 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte. Por fim, houve um aumento no número de bissexuais presentes, cerca de 1,7% a mais que no ano passado. Cabe ressaltar que o questionário da pesquisa de 2017 incluiu as opções "lésbicas" e "gays" na questão relativa à orientação sexual da(o) participante.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

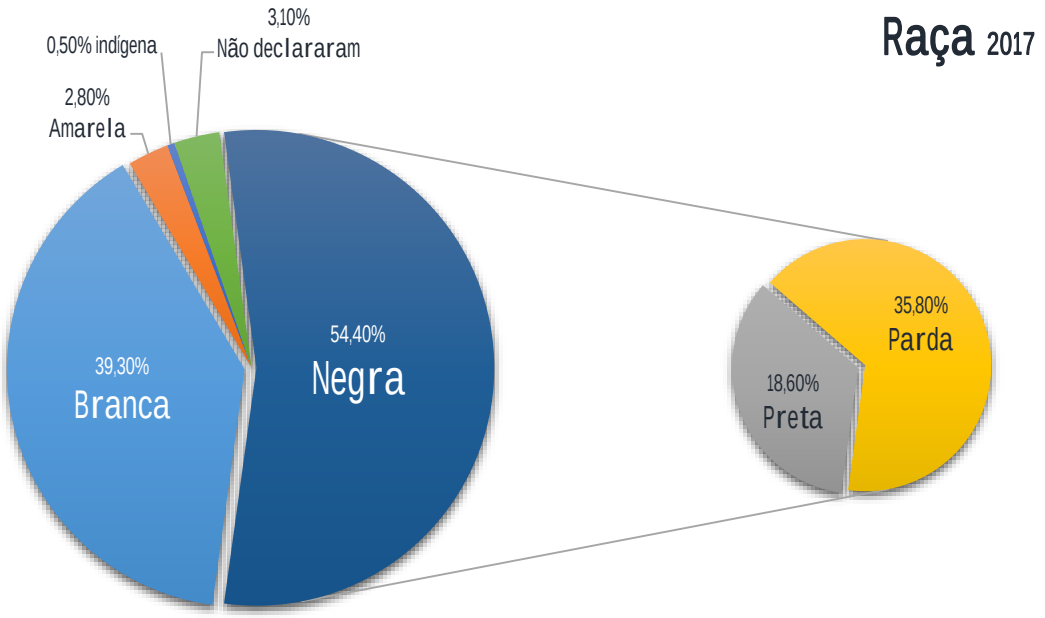
RAÇA, COR E ETNIA

A maior parte das(os) participantes (**54,4%**) da 20ª Parada do Orgulho LGBT declarou sua cor ou raça como **negra**, englobando **pardos** (35,8%) e **pretos** (18,6%). A população autodeclarada branca somou 39,3% do total. Foram contabilizados também 2,8% de pessoas da cor ou raça amarela e 0,5% de indígenas. Apenas 3,1% das pessoas preferiram não declarar sua cor ou raça.

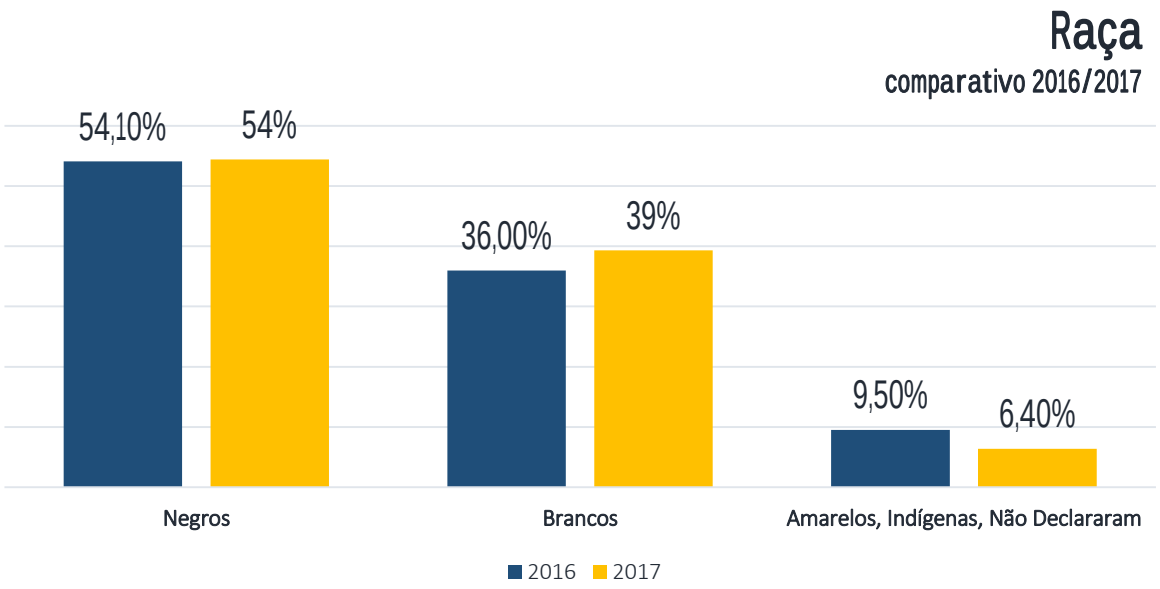
É possível notar uma grande diferença no número de pessoas que se declararam como negras na Parada de 2017 e aquelas que se declararam tal forma no evento anterior, representando um aumento de 36,4%. Uma das hipóteses levantadas é que esse fato pode ser explicado devido à maneira que os questionários foram aplicados neste ano, pois na "categoria" negra(o) engloba-se tanto aqueles que se consideram pardos quanto aqueles que se consideram pretos, gerando um aumento dessa porcentagem.

Com isso, tornou-se necessário analisar pardos separados de pretos a fim de obter melhores comparações. No ano passado, a porcentagem de pessoas por raça/cor/etnia era de 36% pardos; 18.1% pretos; 36% brancos; 9,5% amarelos, indígenas e não declarados. Em contraste com os

resultados obtidos nesse ano, é possível afirmar que diminuiu apenas 0,2% do público pardo, e 3,1% amarelos, indígenas e não declarados. Já o público de pessoas brancas aumentou em 3,3% enquanto de pessoas que se autodeclararam pretas subiu em 0,5%.



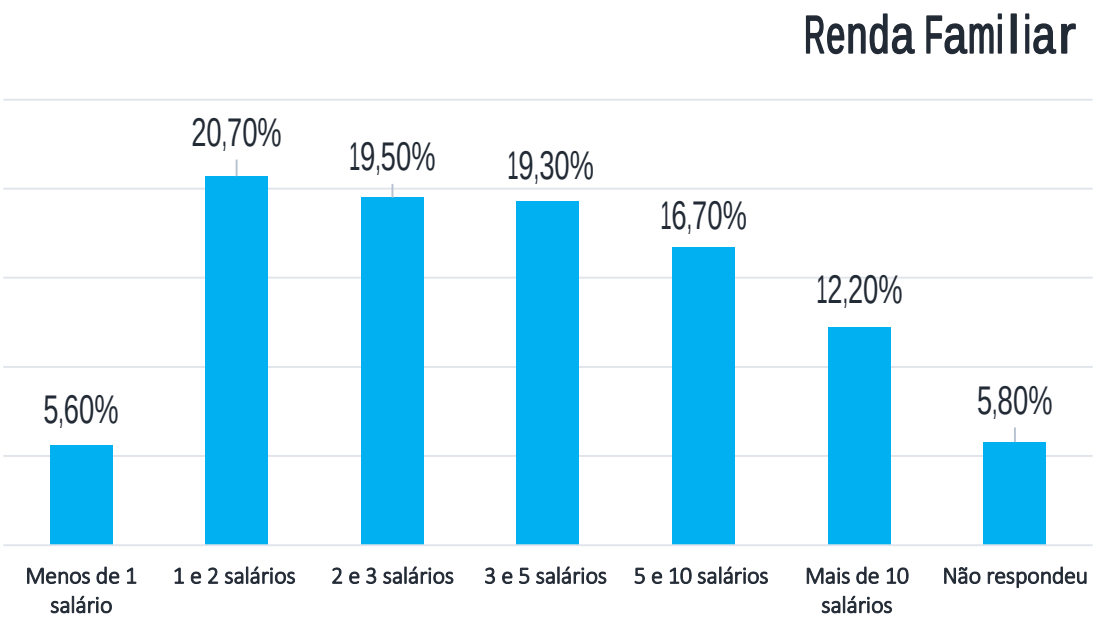
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

RENDA FAMILIAR

Em 2017, 5,6% das(os) participantes disseram possuir uma renda familiar menor que um salário mínimo, considerando o salário no valor de R$ 937,00. O maior percentual do público encontrava-se na faixa de um a dois salários mínimos (20,7%). Em seguida, registrou-se 19,5% de pessoas na faixa entre dois e três salários mínimos, percentual bem próximo das que declararam ter uma renda familiar de 3 a 5 salários (19,3%). Na faixa de cinco a dez salários mínimos foram contabilizadas 16,7% de pessoas. Por fim, 12,2% declararam receber uma renda acima de dez salários. O percentual das pessoas que não responderam a esta pergunta somou 5,8%.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

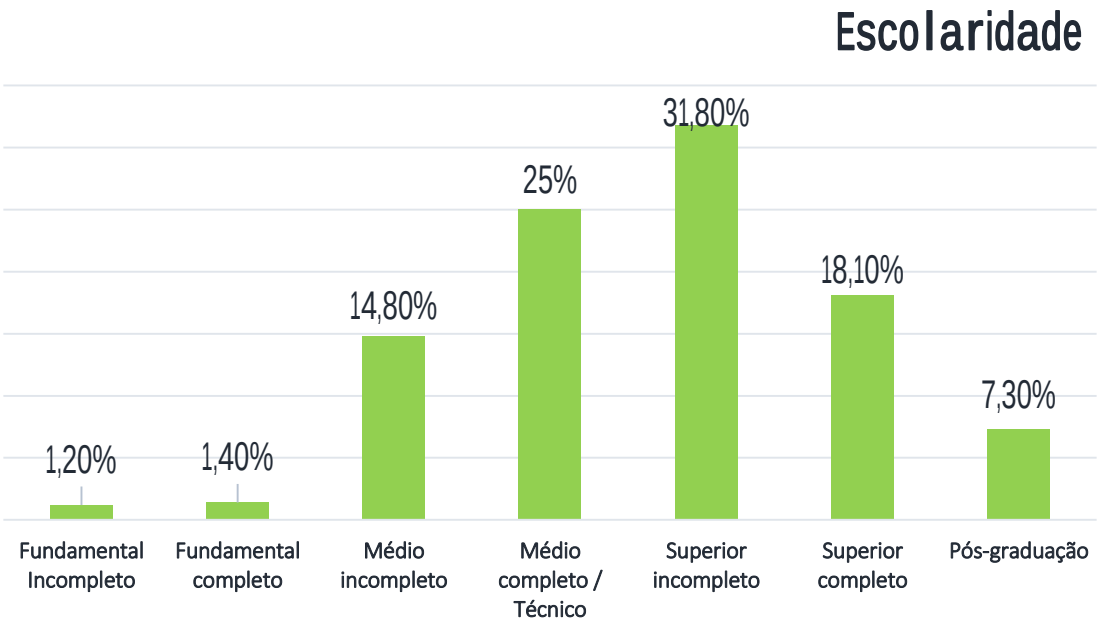
RENDA FAMILIAR MENSAL (%)	
Menos de 1 salário mínimo (Menos de R$ 937,00)	5,6%
Entre 1 e 2 salários mínimos (De R$ 937,00 a R$ 1.840,00)	20,7%
Entre 2 e 3 salários mínimos (De R$ 1.840,00 a R$ 2.811,00)	19,5%
Entre 3 e 5 salários mínimos (De R$ 2.811,00 a R$ 4.685,00)	19,3%
Entre 5 e 10 salários mínimos (De R$ 4.685,00 a R$ 9.370,00)	16,7%
Mais de 10 salários mínimos (Acima de R$ 9.370,00)	12,2%
Não responderam	5,8%

Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

Ao contrário do ano passado, a pergunta utilizada para obter os valores da renda dos participantes foi diferente. Neste ano, a pergunta foi "sabendo que o salário mínimo é de R$937,00 qual seria a sua renda familiar atual?", enquanto no ano passado a pergunta atentava-se em saber o valor da renda da(o) própria(o) participante. Logo, essa mudança no questionário, proporcionou uma mudança nas porcentagens. Sendo assim, as diminuições e os aumentos presentes nesse tópico são devido a diferença na temática da pergunta.

ESCOLARIDADE

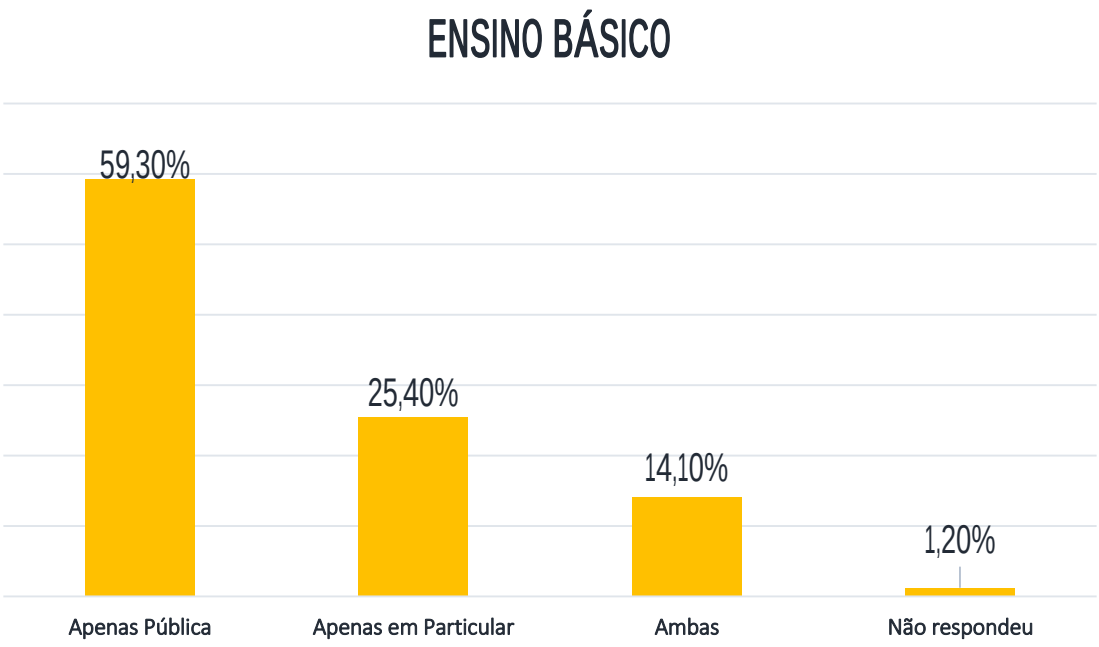
A maior parte do público que participou da 20ª Parada do Orgulho LGBT possui **ensino superior incompleto**, somando 31,8%. Entre as(os) entrevistadas(os), 25% possuem **ensino médio completo ou ensino técnico**; 18,1% completou o ensino superior; 14,8% possui ensino médio incompleto. Os menores índices foram registrados em relação ao fundamental incompleto (1,2%), fundamental completo (1,4%) e pós-graduação (7,3%).



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

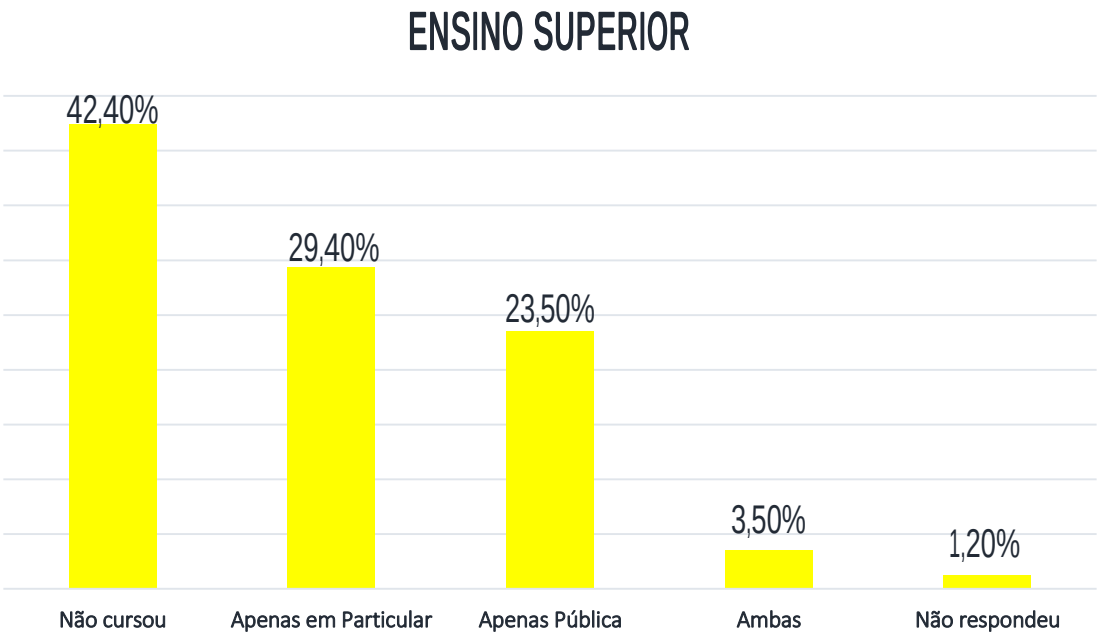
INSTITUIÇÕES DE ENSINO

A maioria das(os) participantes da pesquisa (59,3%) cursou ou está cursando o **Ensino Básico** apenas em **escola pública**. Aqueles que cursaram apenas **instituições particulares** somaram 25,4%. As pessoas que estudaram em ambos os tipos de instituições de ensino somaram 14, 1%. Apenas 1,2% das(os) participantes não respondeu a questão.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

Em relação às pessoas que cursam ou cursaram o Ensino Superior, 29,4% frequentam ou frequentaram apenas instituições particulares; 23,5% apenas universidades públicas; 3,5% em ambas as categorias de instituições. Apenas 1,2% não responderam à pergunta.

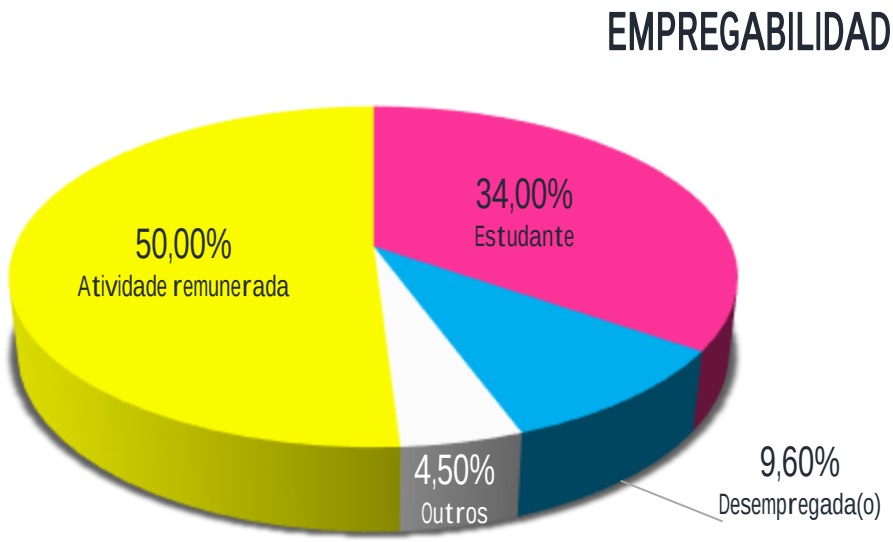


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

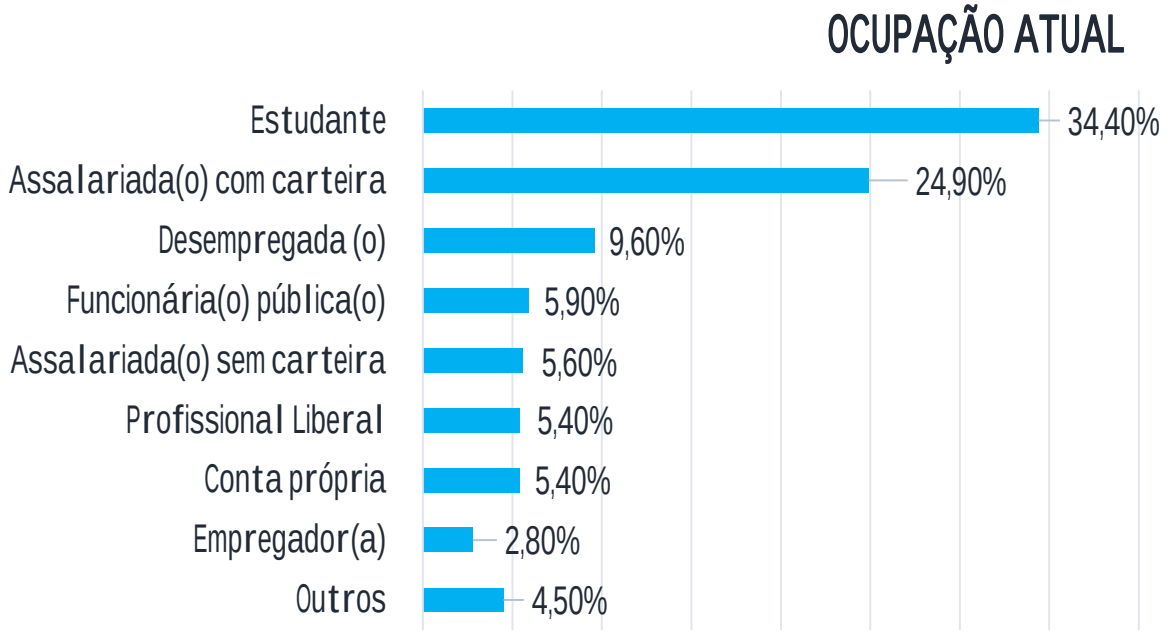
EMPREGABILIDADE

A metade do público da Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte trabalha. Outros 34,4% são estudantes e 9,6% estão desempregadas(os). Os principais setores econômicos que empregam os participantes são: **serviços** (30,1%), **comércio** (13,6%) e **indústria** (4,7%).

A pesquisa registrou que 24,9% são assalariadas(os) com carteira de trabalho; 5,9% são funcionárias(os) públicas(os); 5,6% são assalariadas(os) sem carteira de trabalho; 5,4% são profissionais liberais; 5,4% trabalham de forma regular por conta própria; 2,8% são empregadoras(es) com mais de dois empregados.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



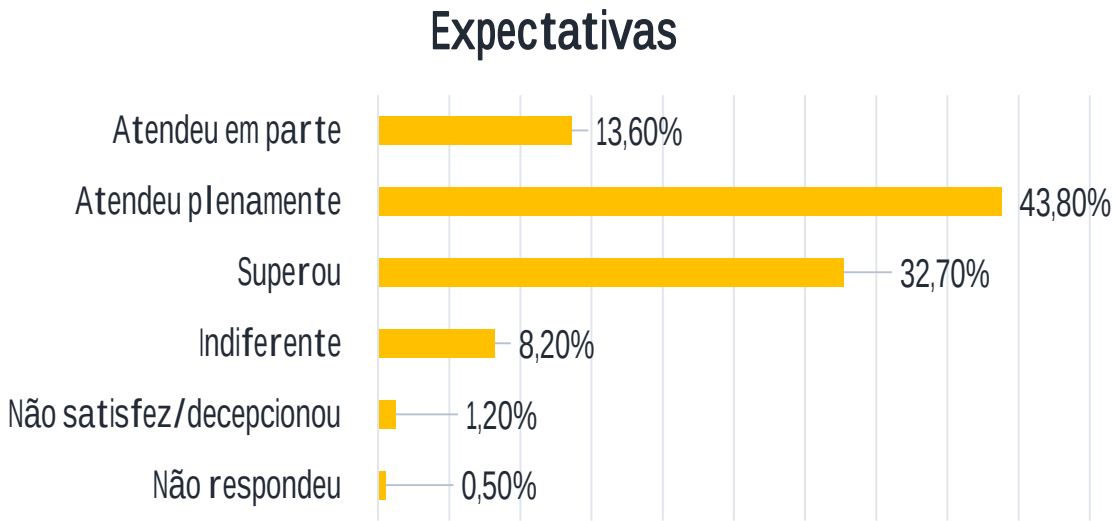
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

PARTICIPAÇÃO: MOTIVOS E EXPECTATIVAS

Quase metade do Público da Parada do Orgulho LGBT foi ao evento em Belo Horizonte **pela primeira vez** em 2017, somando 47%. Outros 51,3% já tinham participado do evento.

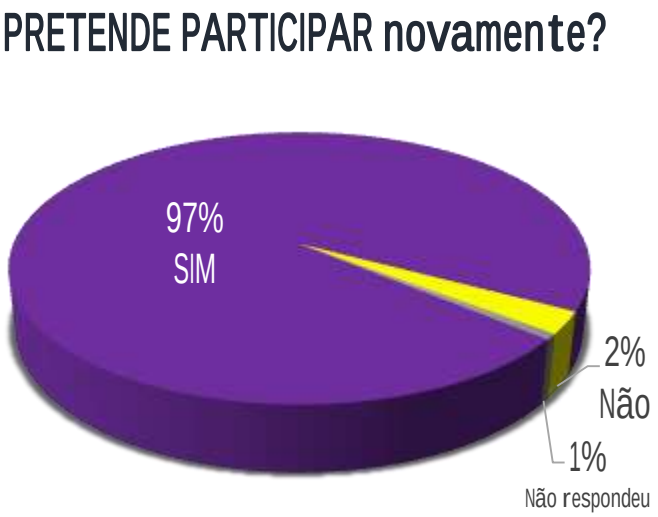
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

Para a maioria das(os) participantes (76,5%), a Parada **superou** (32,7%) ou **atendeu plenamente** (43,8%) **suas expectativas**. Apenas 1,2 % disseram que o evento decepcionou ou não satisfez as expectativas. Para 13,6%, o evento atendeu em partes o que esperavam dele. Classificaram como indiferente, 8,2% das(os) presentes.



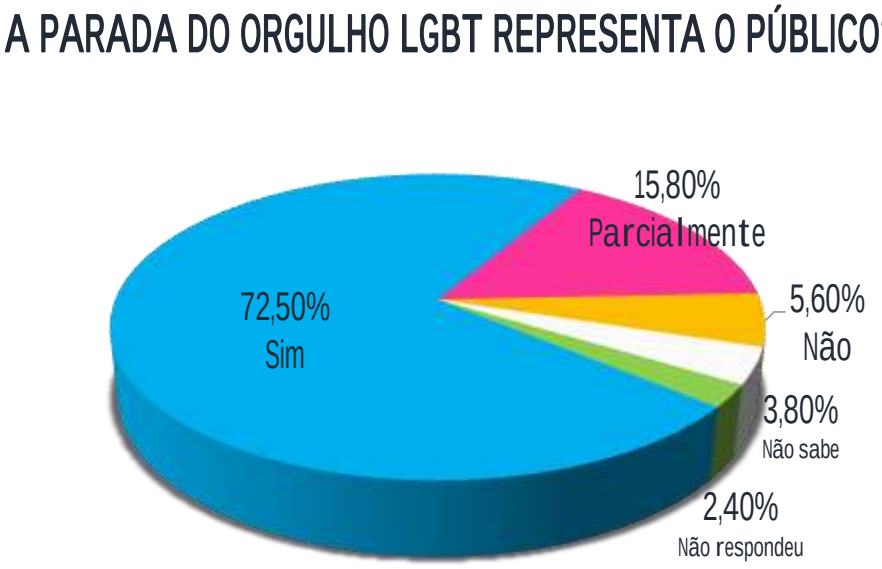
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

A imensa maioria diz pretender participar de uma próxima edição da Parada em Belo Horizonte. Foram 96,7% das respostas positivas para ir novamente ao evento na cidade. Apenas 2,6% afirmaram não desejariam participar novamente.



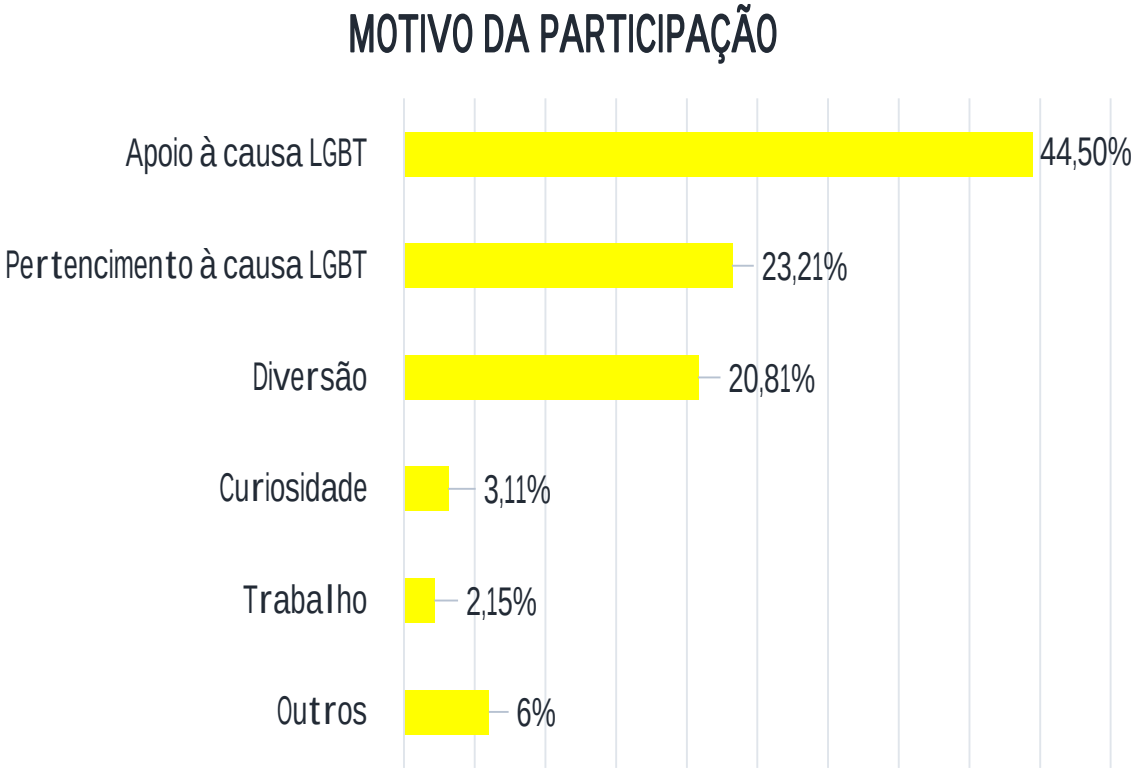
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

A maior parte do público afirmou que a Parada do Orgulho LGBT **representa** os participantes (72,5%). Apenas 15,8% afirmou que o evento representa parcialmente as (os) participantes. As pessoas que não se sentiram representadas pelo evento somaram 5,6%. Apenas 2,4% não responderam à pergunta e outros 3,8% não souberam responder.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

A pesquisa perguntou também sobre os principais motivos da participação na 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte. A maior parte das e dos entrevistados disse ter ido ao evento em **apoio à causa LGBT** (44,5%). A segunda opção com mais número de respostas foi o **pertencimento ao grupo LGBT** (23,21%). Quase 21% das pessoas foram ao evento buscando **diversão**. Por último, a pesquisa também registrou **curiosidade** (3,11%) e **trabalho** (2,15%) como motivos para ir à Parada de 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

Ao fazer um comparativo com o relatório do ano passado em relação aos motivos da participação da Parada, pode-se perceber que a porcentagem de pessoas que foram ao evento por apoio à causa LGBT aumentou em 7%, enquanto isso, aqueles que foram por pertencimento ao grupo LGBT mostrou um crescimento de 1,01%. Já em relação àqueles que foram por divertimento, houve uma queda de 14,8%. Podemos concluir, portanto, que a Parada tem-se tornado, aos poucos, um evento de maior cunho político, uma vez que um número maior de participantes declararam sua adesão à causa e ao movimento LGBT como motivo de comparecimento.

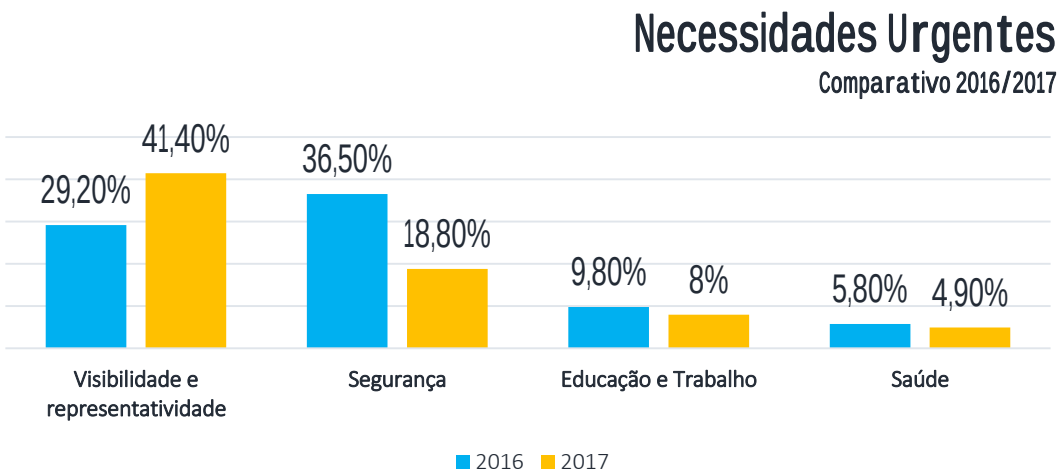
NECESSIDADES URGENTES

Dentre as necessidades mais urgentes para as pessoas LGBT's na visão das(os) entrevistadas(os), destaca-se maior **reconhecimento e visibilidade**, com a maioria das respostas, correspondendo a 41,4%. A promoção de **segurança** vem logo em seguida, com 18,8%. Foram citados também a maior **inserção na educação e no trabalho** (8%), **respeito** (7,8%), **políticas públicas e criminalização da homofobia** (7,1%), **promoção de saúde** (4,9%), **direitos iguais** (4%) e outros (8%).

NECESSIDADES MAIS URGENTES	
Reconhecimento e visibilidade	41,4%
Segurança	18,8%
Inserção na educação e no trabalho	8%
Respeito	7,8%
Políticas públicas e criminalização da homofobia	7,1%
Promoção da saúde para o público LGBT	4,9%
Diretos Iguais	2,4%
Conquista de direitos e liberdades individuais	1,6%
Outros	4%

Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

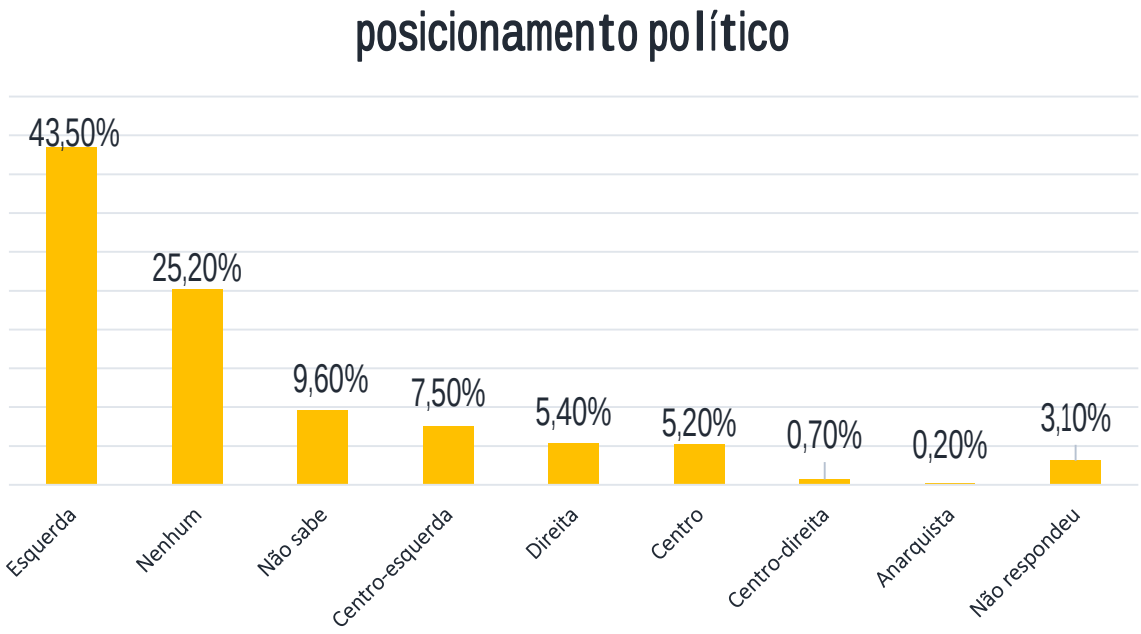
No evento anterior, **a promoção da segurança** foi o item mais respondido, com **36,5%**, enquanto a **visibilidade e representatividade LGBT** obteve **29,2%** de respostas, seguidas da inserção na **educação e mercado de trabalho (9,8%)** e **promoção da saúde LGBT (5,8%)**. Essas duas últimas opções permaneceram com porcentagens similares na edição de 2017. A maior mudança ocorreu na inclusão da necessidade de políticas públicas e da criminalização da homofobia nas respostas das(os) participantes.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

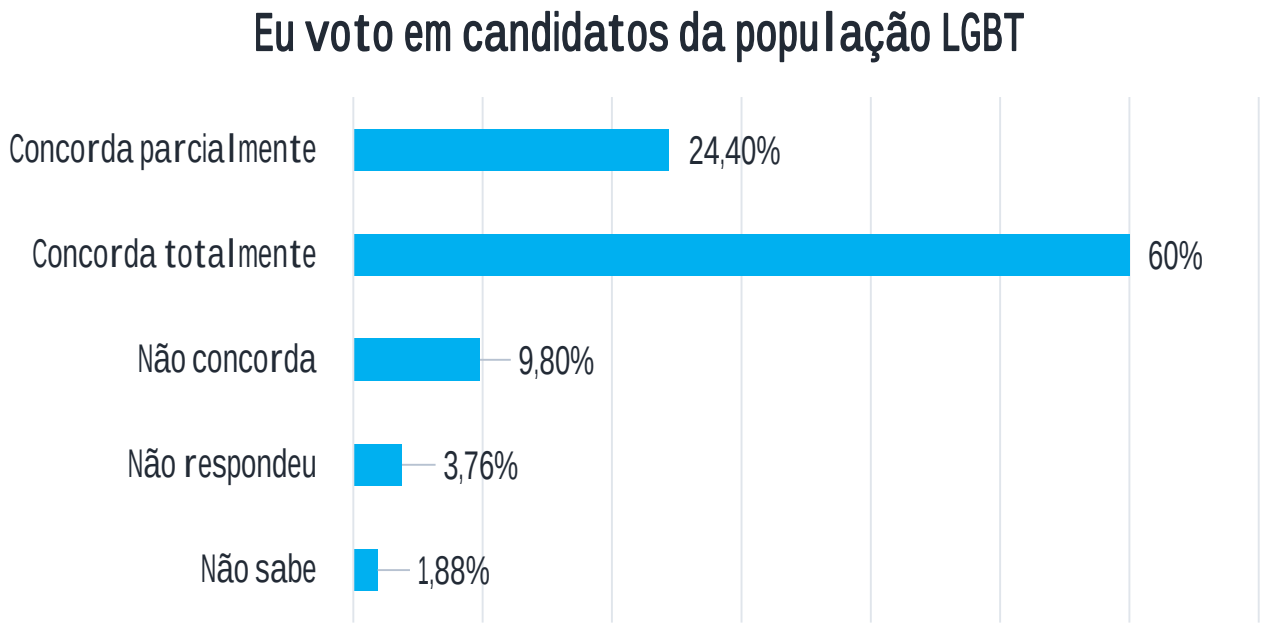
POLÍTICA

A respeito do posicionamento político, grande parte das(os) participantes (43,5%) se declarou de **esquerda**. O segundo número mais expressivo é daquelas pessoas que **não possuem um posicionamento**, com 25,2% das(os) entrevistadas(os), seguidas pelas que **não sabem** (9,6%) e outras que são **centro-esquerda** (7,5%). Há também os que se declararam de **direita** (5,4%); **centro** (5,2%); **centro-direita** (0,7%); e **anarquista** (0,2%). Não responderam a questão 3,1% do total.

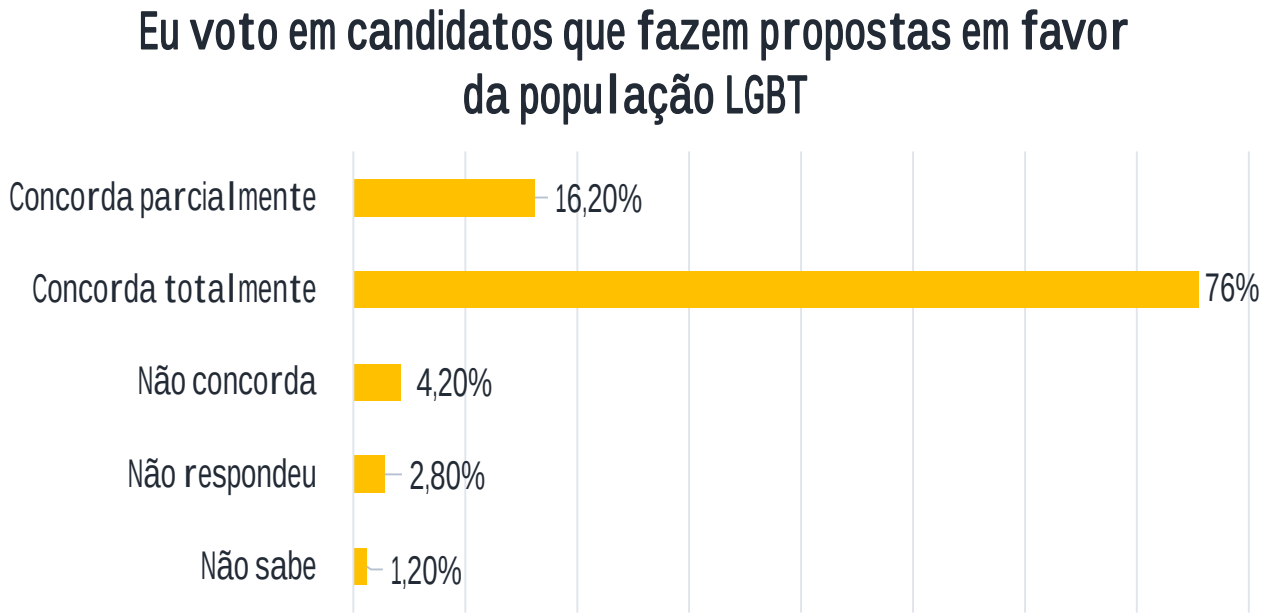


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

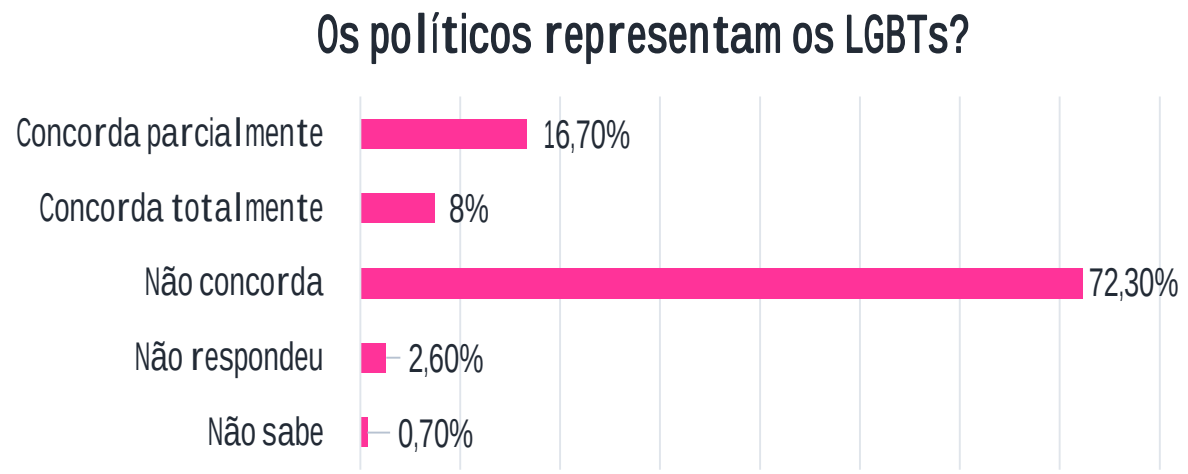
A maioria das pessoas entrevistadas (60%) afirma votar em candidatas(os) da **população LGBT,** enquanto 75,5% disse que vota em candidatas(os) que fazem **propostas em favor desse grupo**. Quando perguntados a respeito da representação política, 72,5% das(os) entrevistadas(os) concordam que os **políticos não representam as pessoas LGBT's**, e 16,2% concordam parcialmente com essa afirmativa.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Em relação a qual **partido político representa melhor as pautas LGBT's**, o maior percentual pessoas (35%) citou o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). O Partido dos Trabalhadores (PT) somou 6%. Os outros partidos[4] citados somaram 2,9% das respostas. As (os) participantes que afirmaram não se sentir representados por nenhum partido somaram 21%. As pessoas que não responderam (22%) ou não souberam responder (21%) completam essa fase da pesquisa.

PARTIDO POLÍTICO QUE REPRESENTA AS PAUTAS LGBT	
PSOL	35%
Não respondeu	22%
Nenhum	21%
Não Sabe	12%
PT	6%
Livres	0,50%
PC do B	0,50%
PSTU	0,50%
DEM	0,20%
PHM	0,20%
PHS	0,20%
PMDB	0,20%
PPL	0,20%
PSL	0,20%
PV	0,20%
Outros	1,17%

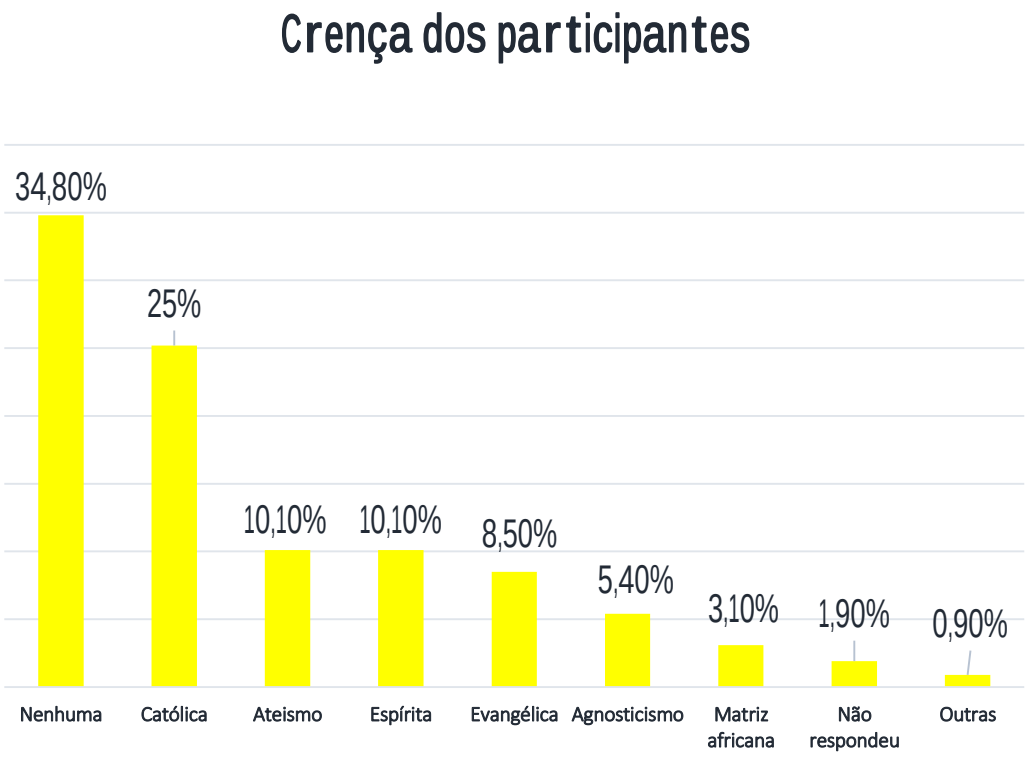
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017

[4] Livre, PC do B, PSTU, DEM, PHM, PHS, PMDB, PPL, PSL, PV.

Em relação à figura política que melhor representa as pautas LGBT's, destacam-se **Jean Wyllys** (24,5%), **Luciana Genro** (5,2%), **Áurea Carolina** (4%) e **Crystal Lopez** (3,8%) como aquelas consideradas como as mais representativas da população LGBT nos dias de hoje. As pessoas que afirmaram que **nenhum político** exerce esse papel somaram 20,2% e as que **não responderam**, 25%. Como reflexo desse número expressivo de entrevistadas(os) que não se sentem representados politicamente, diversas foram as figuras da mídia, como artistas e cantores, citadas como aqueles que melhor representam as pessoas LGBT's atualmente como, por exemplo, **Pabllo Vittar** (2,1%) e **Lady Gaga** (0,9%).

RELIGIÃO

Das(os) participantes:
Durante a análise dos dados foi constatado que, em 2017, cerca de **34,8%** das(os) entrevistadas(os) declararam **não possuir religião**, enquanto **25,2%** declararam-se **católicos**, a porcentagem de **ateus** e **espíritas** foi a mesma sendo **10,1%** cada. Com menores frequências, temos os **agnósticos** com **5,4%** das declarações, seguidos por **3,4%** que se declararam de **matriz africanas**[5]. Assim como no ano passado, é possível afirmar que grande parte das pessoas presentes na Parada possuem expressão religiosa.

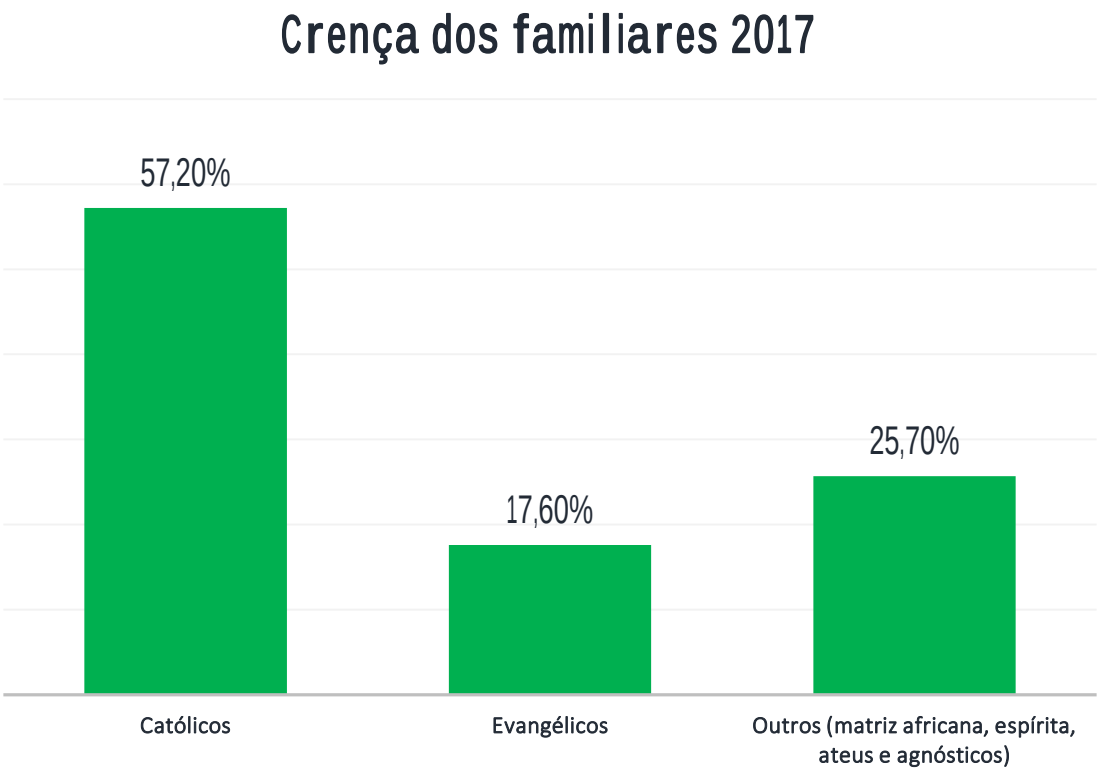


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Da Família:
Ao serem perguntadas(os) sobre a religião do núcleo familiar ao qual pertencem, as(os) entrevistadas(os) declararam que **57,2%** são **católicos**; seguidos de **17,6%** de **evangélicos**. No total **25,7%** correspondem às religiões de **matriz africana**, **espírita**, **ateus**, **agnósticos** e **outros**. Em comparação com a religiosidade das(os) entrevistadas(os), cuja categoria "não possui" foi a mais respondida, os seus familiares conservam com maior expressividade nas duas religiões mais populares no país, com **74,8%** no total, segundo informações registradas.

[5] Matriz africana: Candomblé e Umbanda

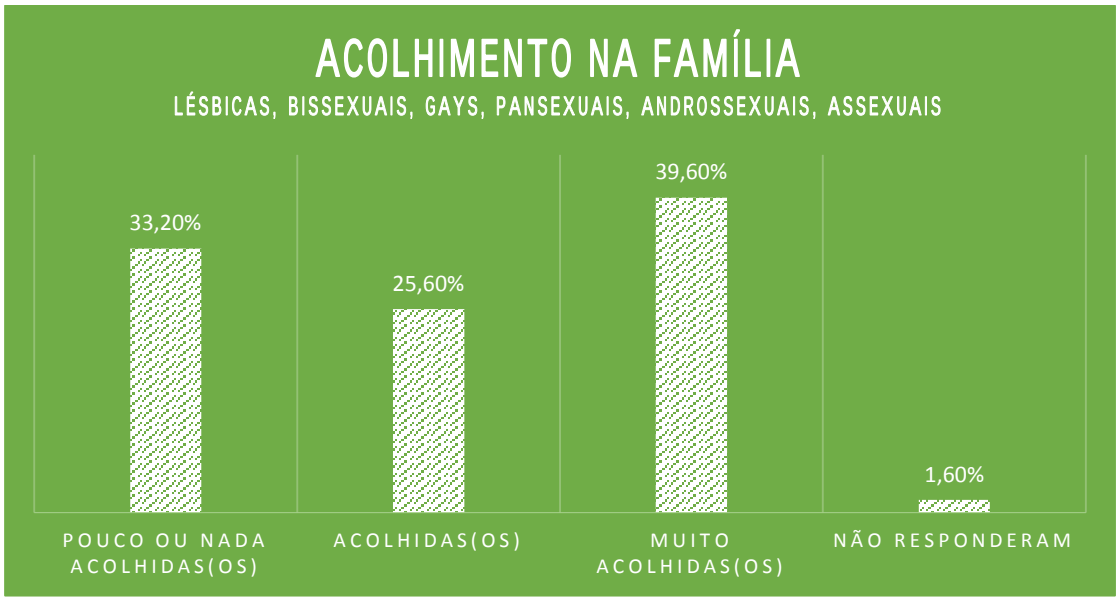
Em comparação ao ano passado, no qual as duas religiões católica e evangélica representavam, em relação ao núcleo familiar o total **82,9%**, houve uma diminuição de **8,1%** do total no ano de 2017.



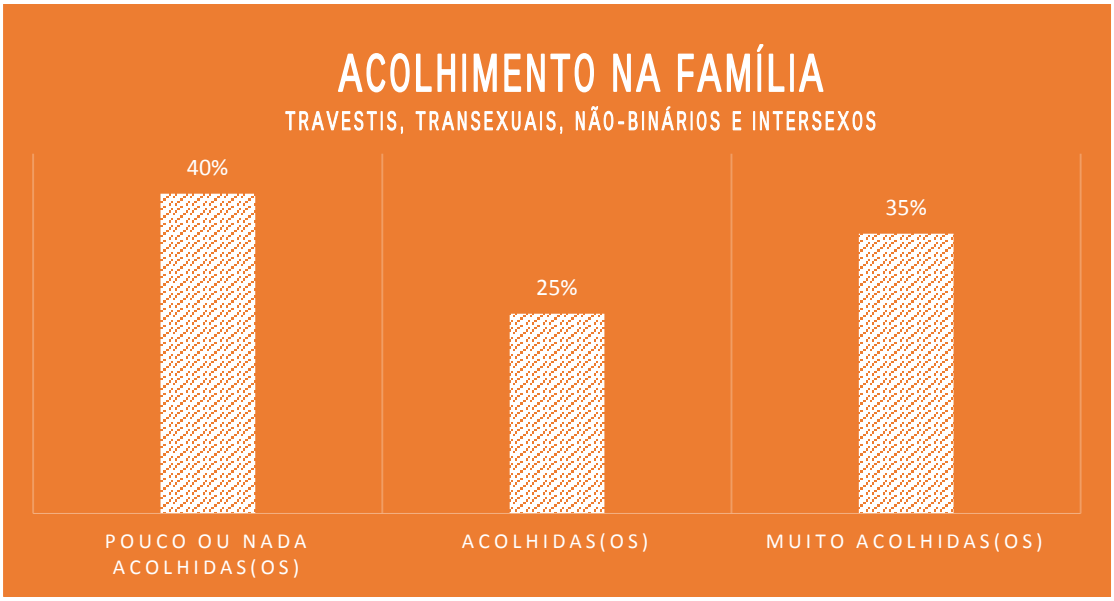
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

FAMÍLIA

Sobre a relação com a família, **33,2%** das(os) participantes com **orientações sexuais dissidentes**[8]**– lésbicas, bissexuais, gays, pansexuais, androssexuais e assexuais** –, relataram se sentir **pouco ou nada acolhida(os) pelos seus familiares**; **25,6 %** disseram se sentir **acolhidas(os)**; **39,6%** afirmaram sentir-se **muito acolhidas(os)**; e **1,6% não responderam**. Entre as **travestis, transexuais, não binários e intersexos**, **40%** relataram se sentir pouco ou **nada acolhidas(os)** em sua família, **25%** se sentem **acolhidas(os)** e **35%** se sentem **muito acolhidas(os)**.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

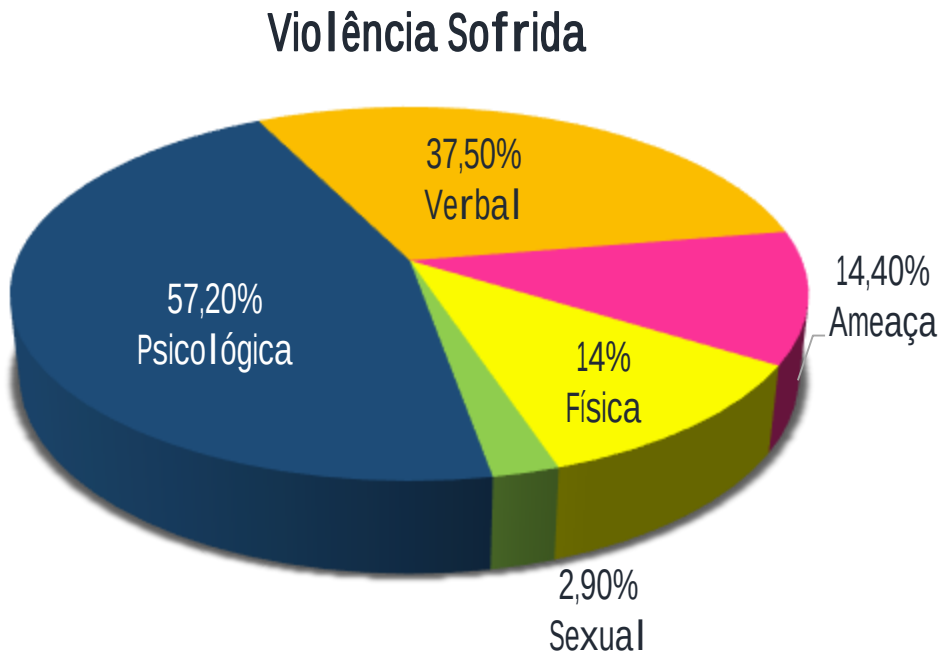


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

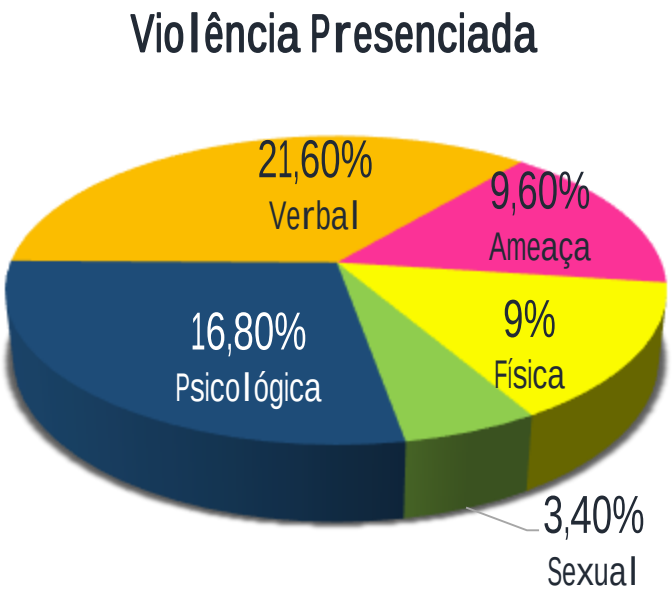
[8] Ao usarmos o termo "orientações sexuais dissidentes" nos referimos a lésbicas, bissexuais, gays, pansexuais, androssexuais e assexuais.

Ao serem questionados sobre a **violência sofrida** causada pela sua **identidade de gênero** ou sua **orientação sexual** no ambiente familiar, **48,9% das pessoas** que participaram da pesquisa responderam que já **sofreram ou presenciaram atitudes violentas de seus familiares**. O tipo de violência mais **sofrida** neste ambiente é a **psicológica**, com 57,2% de respostas. Em seguida, foram registradas as violências de cunho **verbal** (37,5%), **ameaça** (14,4%), **física** (14%) e **sexual** (2,9%). Em relação aos tipos de **violência presenciados**, a **verbal** obteve mais respostas, com 21,6%, seguida pela **psicológica** (16,8%), **ameaça** (9,6%), **física** (8,7%) e **sexual** (3,4%).

Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

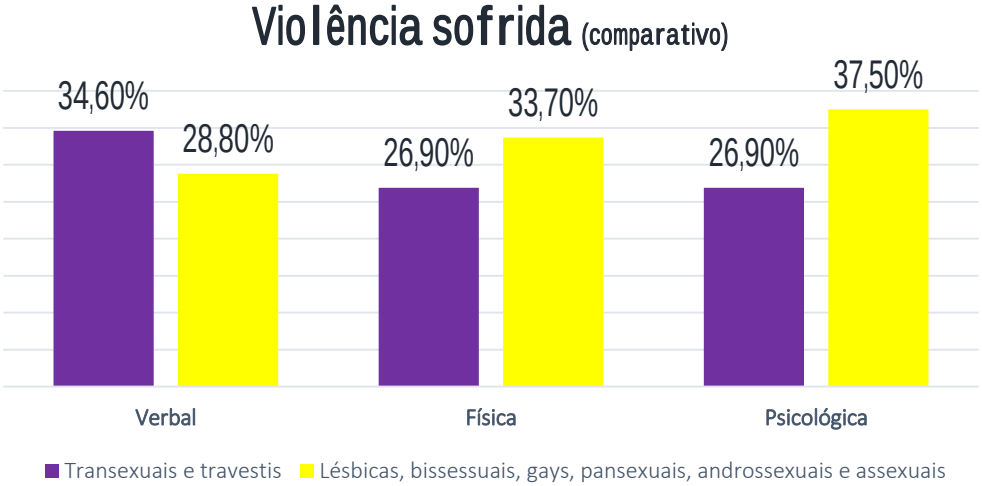


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

A partir da análise dos dados sobre violência familiar, observa-se que **transexuais e travestis estão mais sujeitas(os) a sofrerem violência** verbal, física e psicológica no ambiente familiar sendo as porcentagens, respectivamente, das(os) participantes que afirmaram já ter sofrido essas violências de **34,6%**, **26,9%** e **26,9%**. Por sua vez, **lésbicas, bissexuais, gays, pansexuais, androssexuais e assexuais**, segundo o estudo, estão mais sujeitas(os) a sofrerem **violências psicológicas**, com 37,5% de participantes da entrevista afirmando já ter sofrido esse tipo de violência, seguida de agressões verbais (28,8%)[9].

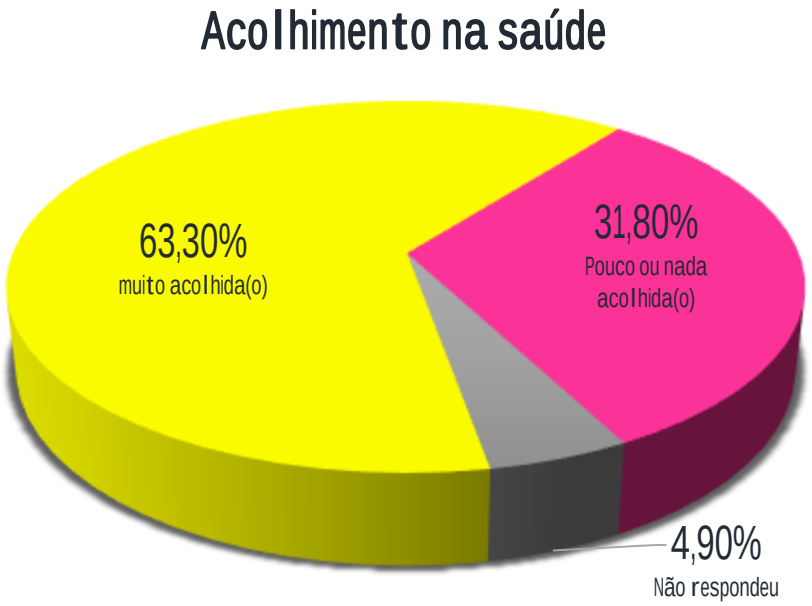


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

[9] Nas perguntas relacionadas aos tipos de violências sofridas e presenciadas, havia a possibilidade da(o) entrevistada(o) marcar mais de uma opção. Com isso, levamos em consideração as porcentagens relativas àquelas(es) que responderam cada tipo de violência durante a elaboração do relatório.

SAÚDE

Segundo dados da pesquisa, 63,3% das(os) participantes afirmaram se sentir muito acolhidas(os) nos postos de saúde e hospitais. A porcentagem daquelas pessoas que afirmaram terem sido pouco ou nada acolhidas(os) corresponde a 31,8%. Apenas 4,9% das e dos participantes não responderam.



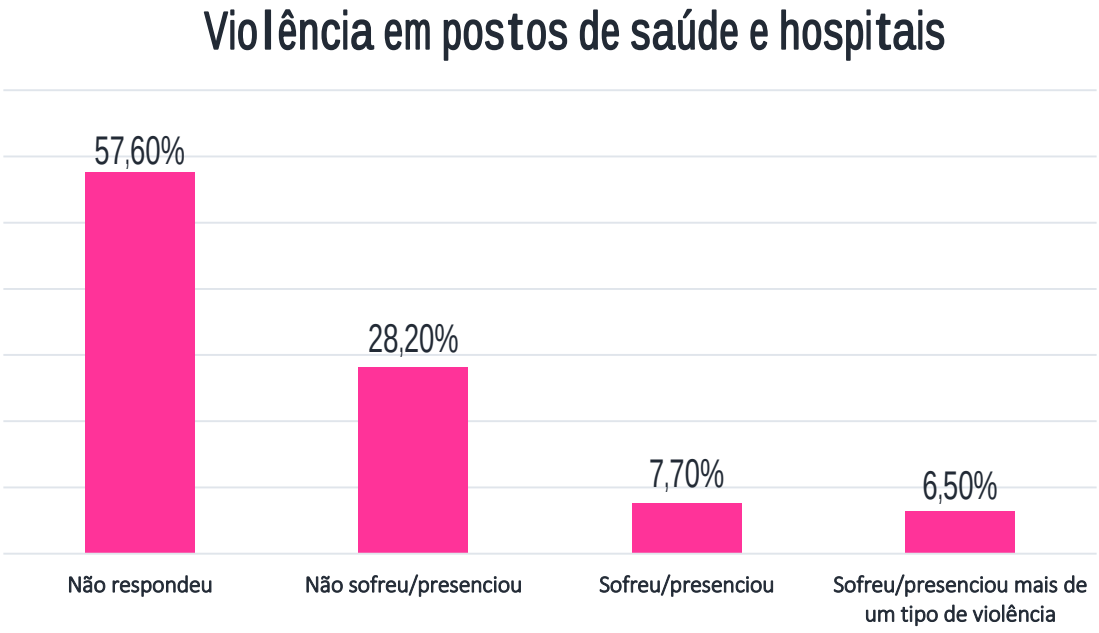
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Entretanto, ao analisar as respostas das(os) entrevistadas(os) sobre a igualdade no atendimento em postos de saúde e hospitais, 68,2% responderam que acreditam que a **atenção dispensada a uma pessoa LGBT é diferente** daquela a dada a uma pessoa não LGBT. Já 22,8% das pessoas acreditam que existe igualdade no tratamento; 6,1% responderam "não sei" e 2,8% não responderam.

Pode-se perceber, desse modo, que a maioria dos participantes da Parada observa a **existência de diferenças no tratamento de pessoas com sexualidades e identidades de gênero dissidentes** (lésbicas, bissexuais, gays, pansexuais, androssexuais; transexuais, travestis, não binários e intersexo) no sistema de saúde.

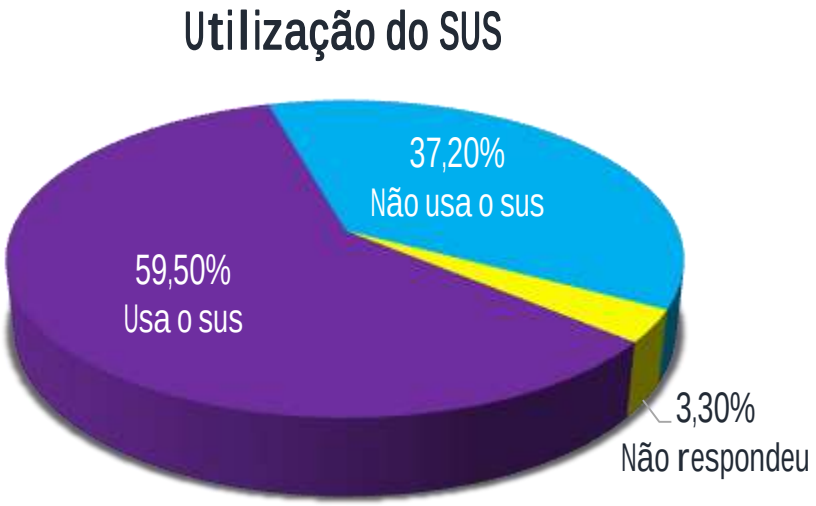
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Dos dados analisados em relação às violências sofridas em postos de saúde e hospitais, 57,6% das(os) participantes não responderam e 28,2% negaram terem sofrido e/ou presenciado qualquer tipo de violência. Ao somar os dados referentes àqueles que afirmaram terem sofrido ou presenciado algum tipo de violência, os números correspondem a 7,7%. Já as pessoas que sofreram ou presenciaram mais de um tipo de violência correspondem a 6,5%.

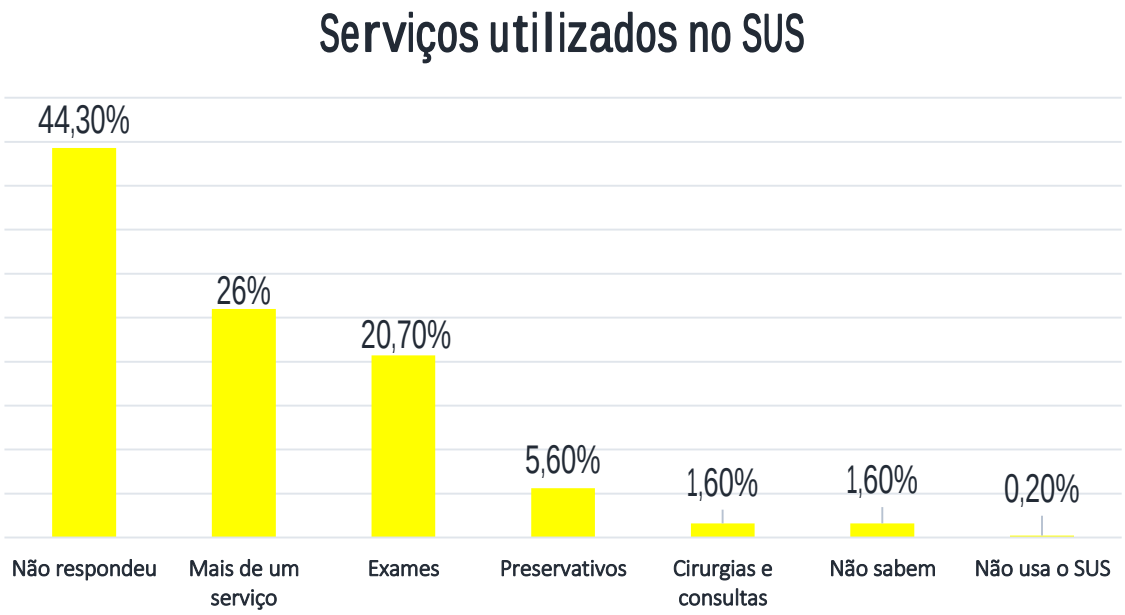


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Ao verificarmos os dados relativos à utilização do Sistema Único de Saúde - SUS, 59,5% das(os) entrevistadas(os) responderam que utilizam esse serviço, enquanto 37,2% afirmaram não usá-lo e 3,3% não responderam. Em relação aos serviços buscados no Sistema Único de Saúde, a realização de **exames** é o mais utilizado por participantes, correspondendo a 20,7% das respostas. A segunda maior procura é pelo **preservativo**, 5,6% do total. Outros serviços fornecidos, como **cirurgias** e **consultas**, geraram o total de 1,6%. A porcentagem correspondente àquelas(es) que utilizam mais de um serviço no SUS é de 26%. Enquanto isso 1,6% não sabem e apenas 0,2% disseram não utilizar o SUS. A porcentagem de respostas deixadas em branco corresponde a 44,3% dos questionários aplicados.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

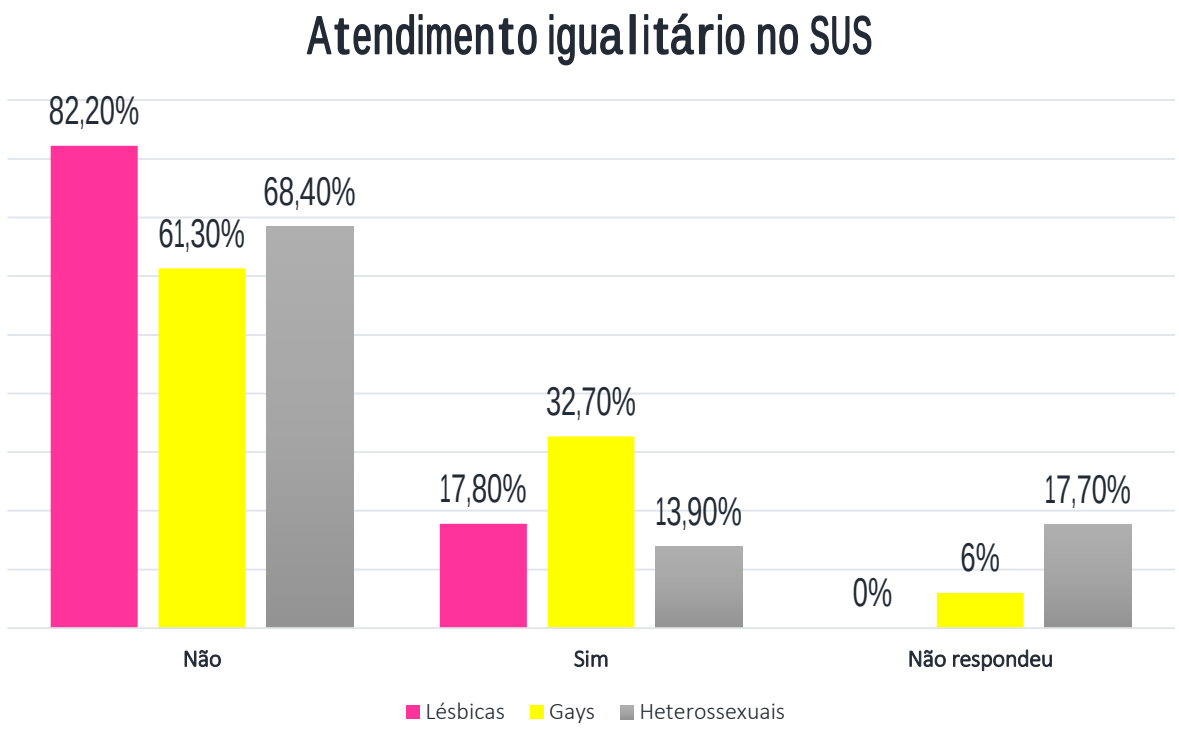


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Houve uma diminuição de 8,6% na porcentagem de pessoas que afirmaram haver desigualdade no tratamento de pessoas LGBT's em postos de saúde e hospitais em comparação com a Parada do ano anterior. Outro fator que mostrou diferença entre as duas pesquisas está relacionado ao acolhimento recebido na saúde. Enquanto a porcentagem daqueles que se sentiram acolhidos ou muito acolhidos aumentou em 22,5% quando comparada à Parada de 2016, a porcentagem que se refere àqueles que se sentiram pouco ou nada acolhidos diminuiu em 13,8%. O bloco referente à saúde LGBT foi aquele que sofreu as maiores mudanças percentuais em relação à edição anterior do evento.

Saúde da Mulher Lésbica

O cuidado com a saúde da mulher lésbica é, por vezes, negligenciado tanto pela sociedade quanto pelos profissionais da área. Apesar de **58,9% das lésbicas** entrevistadas na 20ª Parada LGBT de Belo Horizonte se sentirem **acolhidas** pelos postos de saúde e hospitais, **82,2%** afirmaram considerar que o **tratamento** dispensando a uma pessoa LGBT em um atendimento médico é **diferente** daquele dado a pessoas não LGBT's. **Questões de gênero e sexualidade não costumam ser pautadas durante a formação do profissional em saúde**. Possuímos uma medicina que parte do pressuposto de que a vida sexual de todas as mulheres é heterossexual e voltada à reprodução, ignorando aquelas mulheres que fazem sexo com outras mulheres.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Existem grandes desafios a serem enfrentados no atendimento médico a mulheres lésbicas e bissexuais: as dificuldades na **prevenção** de doenças sexualmente transmissíveis, o medo do **constrangimento** durante a consulta e a **negligência** dos profissionais da área. Há um discurso equivocado, e dito muito frequentemente pelos profissionais de saúde, de que mulheres lésbicas

e bissexuais não contraem DST's nem têm chances de desenvolver cânceres de mama e de colo de útero, o que certamente não é verdade. A falta de métodos preservativos para o sexo seguro entre mulheres também é outro problema que dificulta a prevenção dessas doenças e é ignorado pela medicina. Lésbicas e bissexuais ficam à mercê de métodos caseiros e improvisados, que não possuem eficiência alguma, como o uso de filme plástico ou camisinhas masculinas recortadas nos dedos (prática comum e nada segura).

O **despreparo** dos profissionais da saúde reflete-se em um atendimento falho às demandas das mulheres lésbicas e bissexuais. São frequentes os relatos de mulheres que vão a ginecologistas que não realizam todos os exames que devem ser feitos nas consultas médicas, como aqueles de toque ou papanicolau, por exemplo, e que **não pedem a realização de procedimentos preventivos à doenças p**elo fato dessas pacientes serem lésbicas ou bissexuais. Outro problema é o **constrangimento e o medo** que essas mulheres enfrentam nas consultas ao assumirem sua sexualidade e buscarem informações.

A maioria das lésbicas (53,4%) entrevistadas no evento respondeu já ter sofrido ou presenciado algum tipo de **violência** em **postos de saúde e hospitais** devido à sua **identidade de gênero ou orientação sexual** (lesbofobia).

O Ministério da Saúde lançou, no final de 2015, uma campanha[14] sobre a saúde de mulheres lésbicas e bissexuais, em conjunto com outras políticas públicas de atenção integral à saúde da mulher e à população LGBT. O objetivo dessa campanha, segundo o próprio ministério, é "sensibilizar os trabalhadores e profissionais de saúde, e oferecer subsídios para um acolhimento e atendimento qualificado e humanizado às mulheres lésbicas e bissexuais, considerando as necessidades específicas desta população". Contudo, houveram poucas mudanças na situação vivenciada por mulheres lésbicas e bissexuais no que toca a sua visibilidade na saúde e no seu atendimento adequado. Ainda há um longo caminho a percorrer na busca por políticas públicas eficazes e por uma medicina que enxergue as demandas desta população.

[14] Campanha "Cuidar bem da saúde de todas. Faz bem para as Mulheres Lésbicas e Bissexuais. Faz bem para o Brasil", veiculada pelo Ministério da Saúde em 2015.

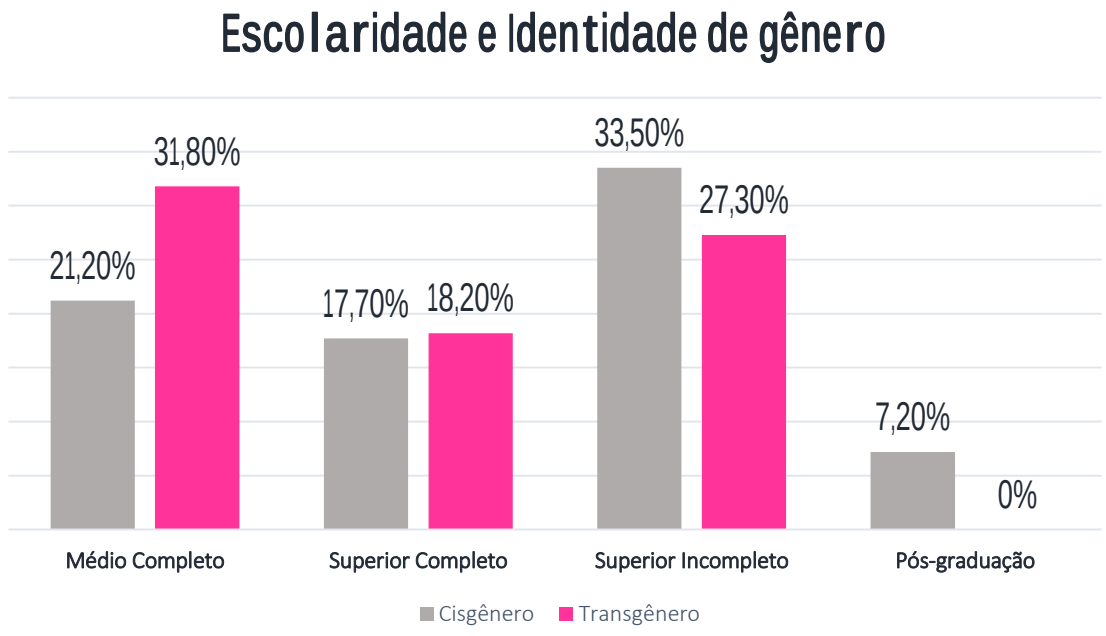
EDUCAÇÃO

As variadas formas de discriminação presentes no sistema educacional criam e perpetuam **desigualdades** na nossa sociedade. Cerca de **45,75%** das **pessoas brancas** entrevistadas **cursaram ou estão cursando o ensino superior**, enquanto a porcentagem das(os) participantes autodeclaradas(os) **pardos** é de **33,5%**; **pretos** corresponde a **16,98%**; **"não declararam" 2,4%**; e **indígenas e amarelos 1,37%**. **10,7%** das **pessoas brancas** disseram ter cursado **pós-graduação**, ao passo que apenas **3,8% das(os) participantes autodeclarados pretos** responderam da mesma forma. Entre as **travestis**, **25%** responderam ter cursado ou estarem cursando o **ensino superior**, enquanto **51,2%** das(os) participantes **cisgêneros** responderam de forma similar.

Escolaridade comparada com raça

MÉDIO COMPLETO	Superior completo	Superior incompleto	Pós-Graduação
Amarelo: 59,3%	Amarelo: 8,3%	Amarelo: 8,3%	Amarelo: 0%
Branca: 15,6%	Branca: 26,3%	Branca: 31,7%	Branca: 10,8%
Indígena: 50%	Indígena: 0%	Indígena: 50%	Indígena: 0%
Parda: 27%	Parda: 9,2%	Parda: 37,5%	Parda: 5,9%
Preta: 22,8%	Preta: 20,3%	Preta: 25,3%	Preta: 3,8%
Total: 22,4%	Total: 18,1%	Total: 31,8%	Total: 7,3%

Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Quando perguntadas(os) a respeito do **acolhimento escolar**, **39,4%** das pessoas entrevistadas disseram sentir-se **pouco ou nada acolhidas na escola**; **39,5%** sentem-se **acolhidas**; **16,9%** responderam se sentir **muito acolhidas**; e **4,2% não responderam** a questão. De acordo com os dados coletados nos questionários, **transexuais, travestis, intersexos e não binários são menos acolhidas(os)** no ambiente escolar, sendo que **48,8%** dessas pessoas entrevistadas afirmaram se sentirem **pouco ou nada acolhidas** na escola. Entre as **lésbicas, bissexuais, androssexuais, assexuais, gays e pansexuais**, esses números também variam: **43,4%** sentem-se **pouco ou nada acolhidas(os)**; **41%** sentem-se **acolhidas(os)**; **14,7%** sentem-se muito acolhidas(os); e **0,9%** não responderam a pergunta. O acolhimento das pessoas negras, indígenas e amarelas da 20ª Parada mostrou-se muito similar aos dados gerais coletados.

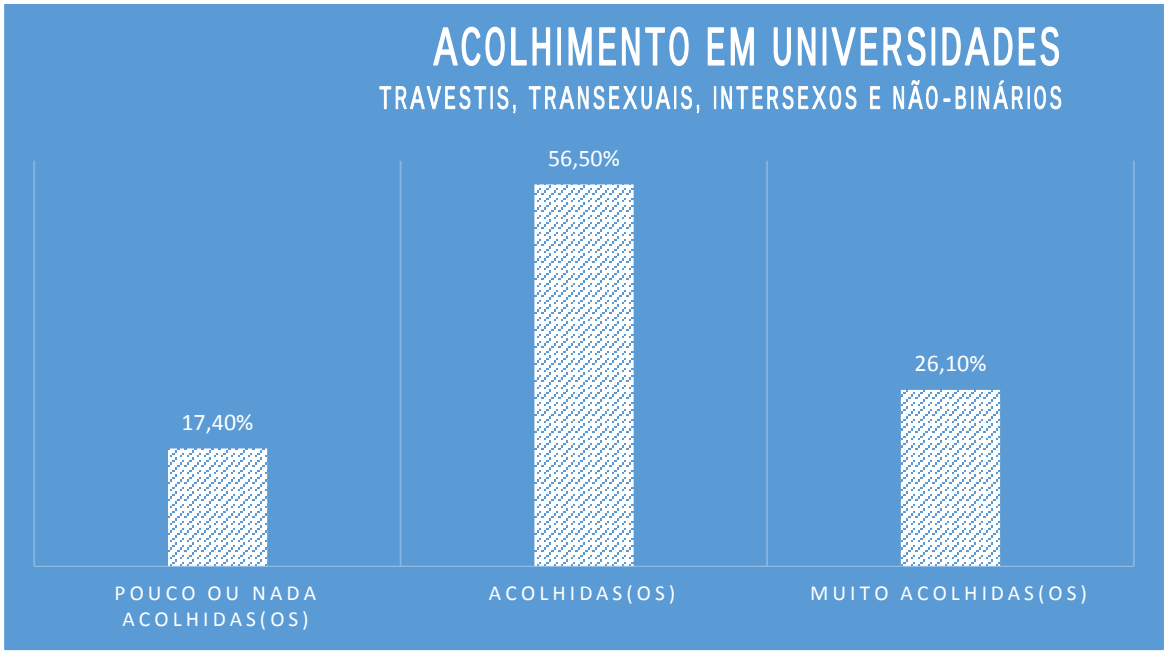
Acolhimento escolar Por identidade de gênero					
	Cisgênero	Transgênero	Não binário	Travesti	Intersexo
Acolhida(o)	41%	3,6%	66,7%	-	50%
Muito acolhida(o)	16,4%	31,8%	8,3%	-	-
Nada acolhida(o)	6,4%	13,6%	8,3%	25%	50%
Pouco acolhida(o)	31,6%	40,9%	16,7%	75%	-
Não respondeu	4,6%	-	-	-	-

Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

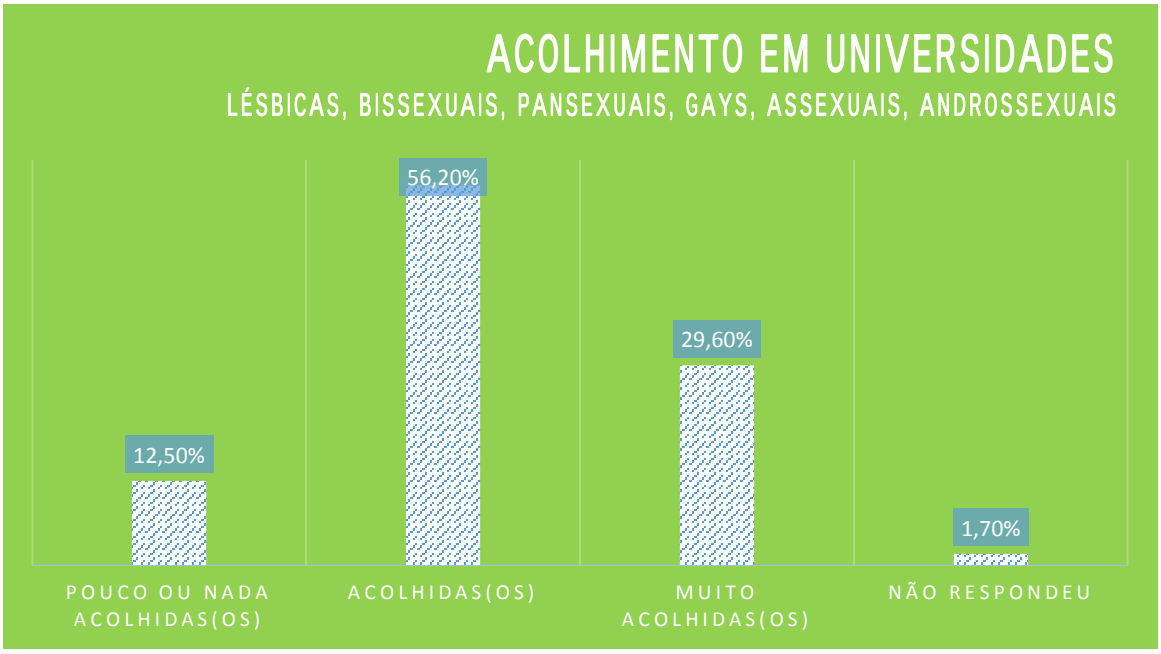
Já em relação à **universidade**, **8,5%** afirmaram que se sentem **pouco ou nada acolhidas(os)** nesse ambiente, enquanto **36,5%** disseram sentir-se **acolhidas(os)**; **20,2%** sentem-se **muito acolhidas(os)**; e **34,8% não responderam**. Entre as **pessoas negras, indígenas e amarelas**, o grau de acolhimento na universidade varia dos dados gerais, em que **14,6%** dessas(es) entrevistadas(os) afirmaram se sentir **pouco ou nada acolhidas(os)** na faculdade; **28,5%** disseram sentir-se muito acolhidas(os); **54,3%** afirmaram se sentir **acolhidas(os)**; e **2.6% não responderam**.

Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Travestis, transexuais, intersexos e não binários também apresentam variação no acolhimento universitário: **17,4%** disseram sentir-se **pouco ou nada acolhidas(os)**; **56,5% sentem-se acolhidas(os)**; e **26,1%** disseram se sentir **muito acolhidas(os)**[16]. Entre as **lésbicas, bissexuais, pansexuais, gays, assexuais e androssexuais** entrevistados na Parada, **12,5%** responderam sentir-se **pouco ou nada acolhidas(os)** na universidade; **56,2%** afirmaram sentir-se **acolhidas(os)**; **29,6%** sentem-se **muito acolhidas(os)**; e **1,7% não respondeu a questão**.



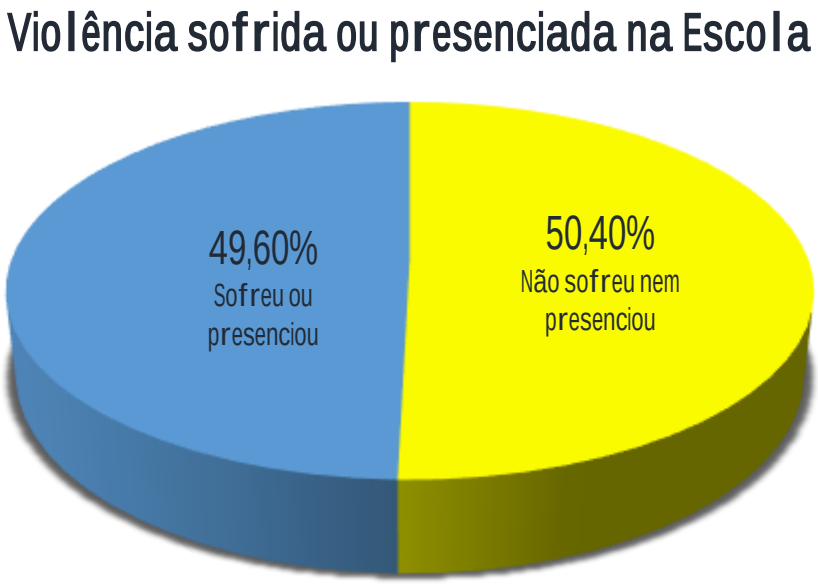
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



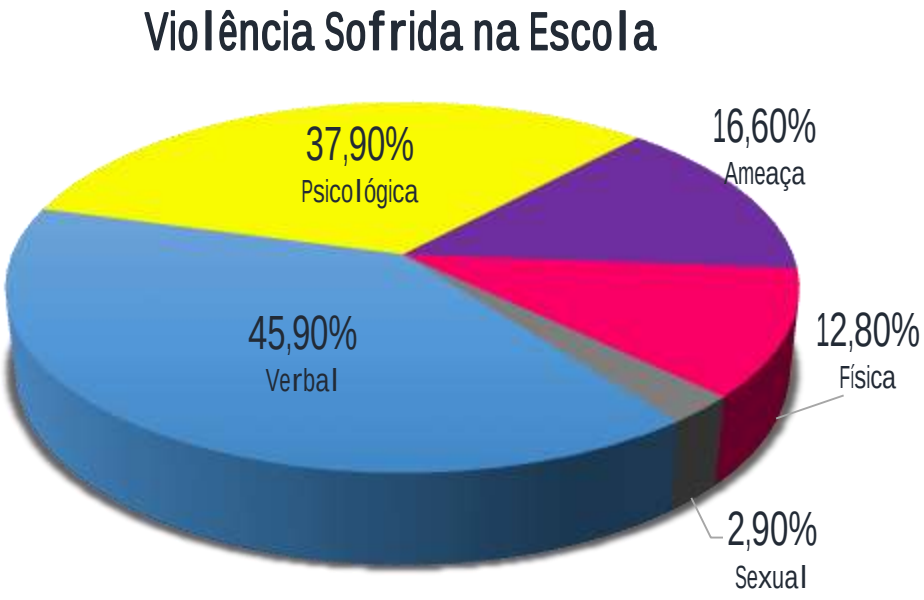
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

[16] Trataremos as questões referentes a transexuais e travestis de forma mais detalha no Bloco Trans e Travesti.

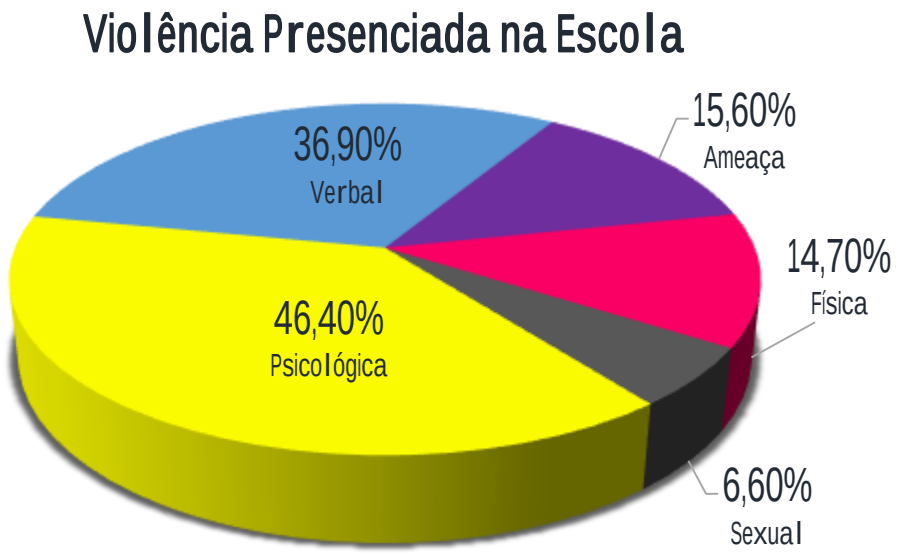
Dentre as pessoas entrevistadas na 20ª Parada LGBT de Belo Horizonte, **49,6%** já **sofreram ou presenciaram** algum tipo de **violência** na escola **motivada pela identidade de gênero ou orientação sexual**. O tipo de **violência mais sofrido** no ambiente escolar, de modo geral, é a **verbal**, com **45,9%** de respostas; seguido da **psicológica (37,9%)**, **ameaça (16,6%)**, **física (12,8%)** e **sexual (2,9%)**. Já em relação aos tipos de **violência presenciados** na escola, os números se alteram: **46,4%** presenciou violência **psicológica**; **36,9%** presenciou violência **verbal**; **15,6%** presenciou **ameaça**; **14,7%** presenciou violência **física**; e **6,6%** presenciou violência **sexual**.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

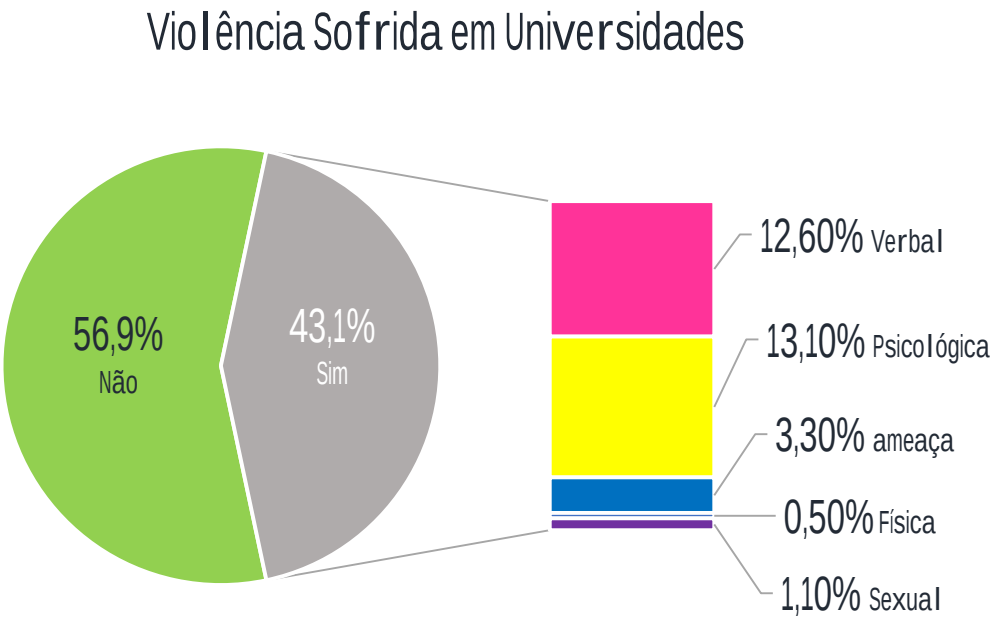


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

43,1% das(os) participantes responderam já ter **sofrido ou presenciad**o atos de **violência na universidade**, em decorrência do **preconceito** e da **discriminação de gênero e sexualidade**. Entre as violências sofridas, a **psicológica** obteve mais respostas, com **13,1%**, seguida da **verbal (12,6%)**; **ameaça (3,3%)**; **física (0,5%)**; e **sexual (1,1%)**. Já nas violências **presenciadas**, a **verbal** obteve **20,2%** das respostas, a **psicológica**, **16,9%**, **ameaça**, **9,3%**, **física**, **3,3%** e **sexual**, **4,4%**. [17]

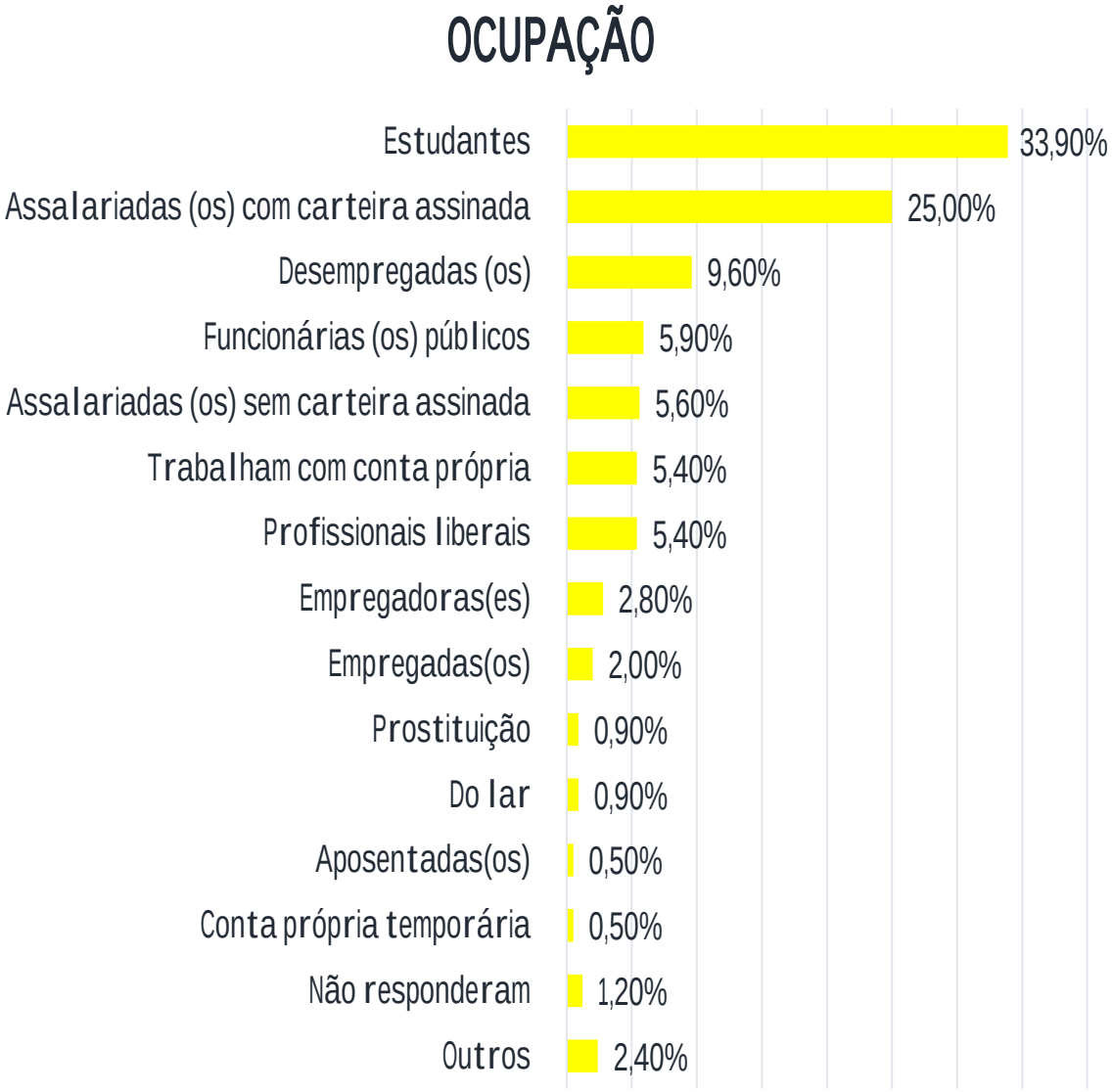


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

[17] Ao analisar as duas paradas - do ano passado e a de 2017 - percebe-se que foram desenvolvidas análises diferentes em relação às informações colhidas a respeito da educação. Devido às abordagens distintas adotadas, não é possível fazer uma análise comparativa concisa sobre alguns desses tópicos do evento anterior.

TRABALHO

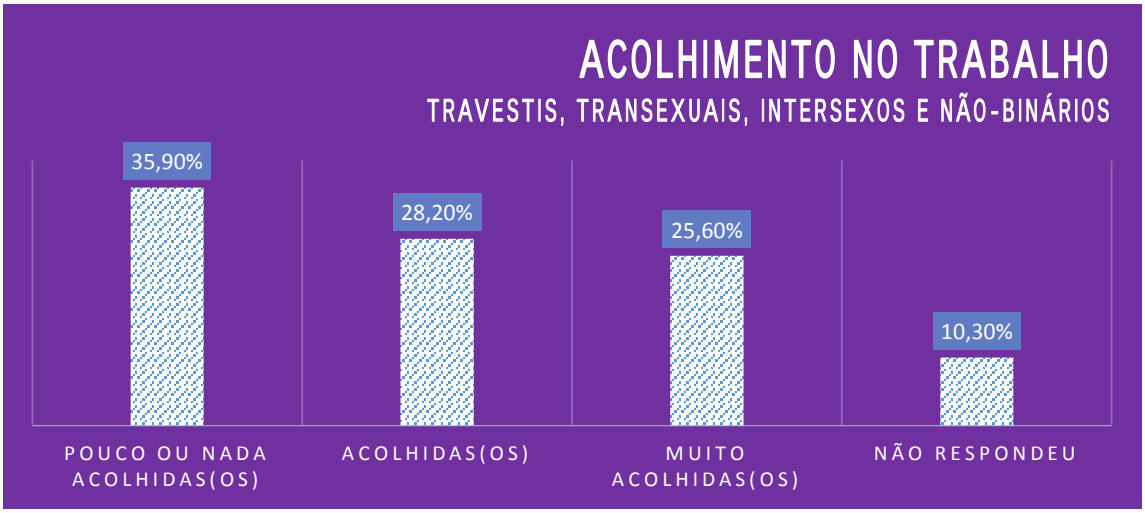
A maioria das pessoas entrevistadas no evento (**33,9%**), ao serem questionadas sobre sua ocupação atual, responderam ser **estudantes**. Por sua vez, **25%** são **assalariadas(os)** com carteira assinada, **9,6%** estão **desempregadas(os)**, **5,9%** são **funcionárias(os) públicos**, **5,6%** são **assalariadas(os) sem carteira assinada**, **5,4%** são **profissionais liberais** e **5,4%** trabalham por **conta própria regular**. Ainda nessa mesma questão, **2,8% são empregadoras(es)** com mais de **2% empregadas(os)**, **0,9%** estão em situação de **prostituição**, **0,9%** são **do lar**, **0,5%** trabalham por **conta própria temporária** e **0,5%** são **aposentadas(os)**. **2,4%** das(os) participantes da pesquisa disseram **outros tipos de ocupação** e **1,2% não quiseram responder** a pergunta.



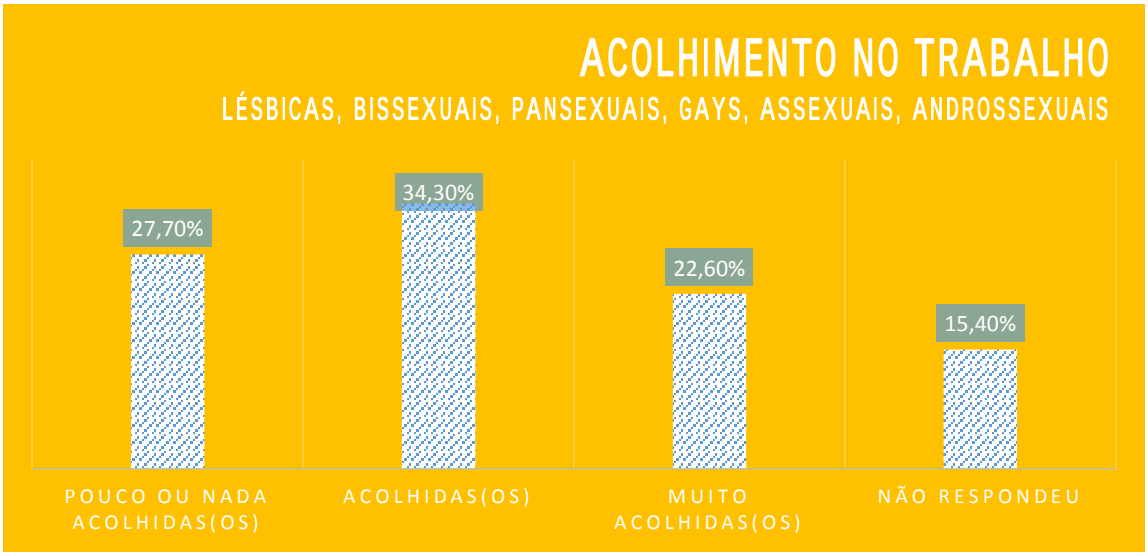
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Um dos pontos de destaque na pesquisa realizada foi o levantamento de dados sobre a **discriminação e o acesso ao mercado de trabalho das pessoas LGBT**. É importante salientar que essa dimensão articula-se para além dos marcadores de gênero e sexualidade, sofrendo influência também pela **classe, raça e escolaridade**.

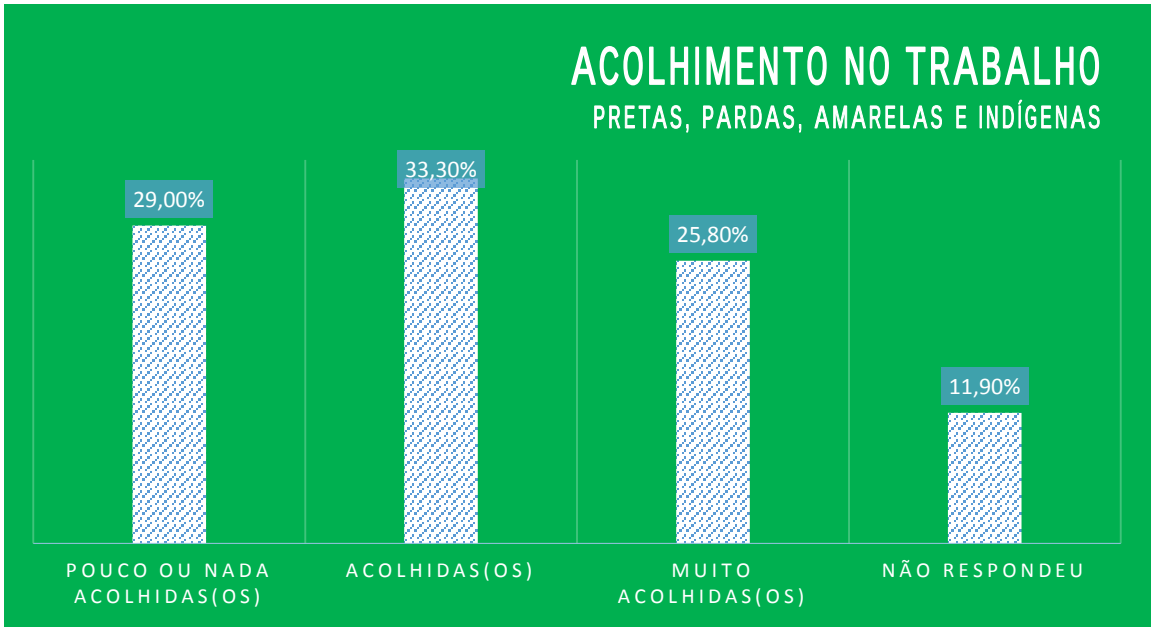
Ao serem questionados a respeito da sua relação com o trabalho, **35,9% das travestis, transexuais, não binários e intersexos** disseram se sentir **pouco ou nada acolhidas(os)** no ambiente de trabalho, enquanto **28,2%** afirmaram se sentir **muito acolhidas(os), 25,6%** sentem-se **acolhidas(os)** e **10,3% não quiseram responder**. Já entre as **lésbicas, bissexuais, gays, pansexuais, androssexuais e assexuais**, **27,7%** responderam sentir-se **pouco ou nada acolhidas(os)** no trabalho, **34,3%** sentem-se **acolhidas**(os), **22,6%** disseram se sentir muito acolhidas(os) e **15,4% não responderam**. Esses números permanecem semelhantes entre as pessoas autodeclaradas **pretas, pardas, amarelas e indígenas**, em que **29%** respondeu sentir-se **pouco ou nada acolhidas(os)**, **33,3%** sentem-se **acolhidas(os)**, **25,8%** disseram se sentir **muito acolhidas(os)** e 11,9% optaram por não responder a questão.



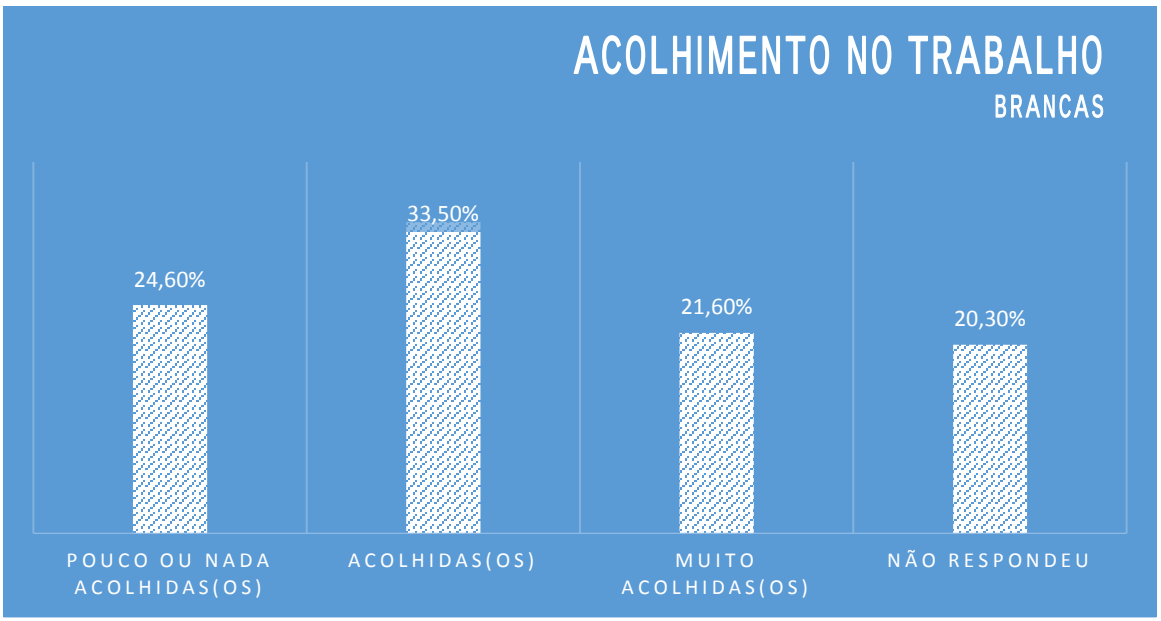
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Mais da metade das travestis, transexuais, não binários e intersexos (58,1%) já sofreram ou presenciaram alguma **violência no ambiente de trabalho**, motivada pela **discriminação à sua identidade de gênero** (transfobia). Os números também permanecem altos entre lésbicas, bissexuais, gays, pansexuais, androssexuais e assexuais, quando perguntados sobre o mesmo assunto: 46,1% disseram já ter sofrido ou presenciado algum tipo de **violência em decorrência do preconceito à sua orientação sexual**.

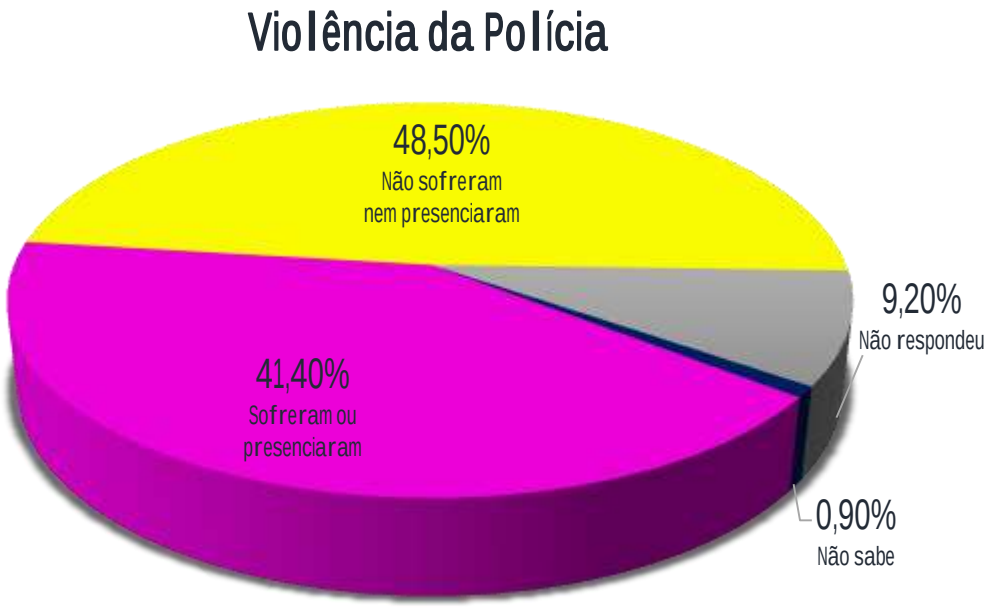
VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA

Violência presenciada

O governo e a polícia são importantes para constituição de uma boa segurança pública para todos cidadãos, afinal enquanto o primeiro é responsável por políticas públicas, o segundo é responsável por manter a segurança da população. Entretanto, "muitas formas de violência vêm sendo apontadas envolvendo (...) a polícia" (BRASIL, 2008, p. 17). A partir dessa prerrogativa tornou-se importante **analisar** e **verificar** se algum participante já **sofreu** algum tipo **de violência pela polícia** em decorrência da identidade de gênero ou orientação sexual.

Analisando as porcentagens em relação à orientação sexual das(os) participantes, **48,5%** das(os) participantes responderam "**não**" ao serem questionados se já **sofreram ou presenciaram** algum tipo de violência pela polícia, sendo que, desse valor 19,1% são gays, 10,8% são bissexuais, 7,8% são heterossexuais, 7,8% são lésbicas, 1,9% são bissexuais, 0,7% são aqueles que não responderam sua opção sexual e 0,4% assexuais e "não sabe".

Em relação ao número de pessoas que afirmaram ter **presenciado ou sofrido** algum tipo de violência devido os motivos acima, o valor foi alto, correspondendo a **41,4%** das(os) participantes. Desse valor, 12,7% são gays, 9,2% são bissexuais, 8,5% são heterossexuais, 8% são lésbicas, 2,4% são pansexuais e 0,6% são androssexuais, assexuais e "não respondeu".



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Apenas 9,2% não responderam e 0,9% não sabem. Portanto, pode-se afirmar que, apesar do número de pessoas que "não presenciaram" e "não sofreram" ser maior que o número correspondente a aquelas que viram, a diferença é muito pequena o que gera preocupação visto

que a violência parte de um representante do Poder Público encarregado, principalmente da manutenção da segurança pública da população.

Pessoas que sofreram violência ou discriminação e acionaram a polícia

Ao serem questionadas(os) se "já precisaram acionar a polícia, para a sua segurança ou de outra pessoa, devido a discriminação, intolerância a identidade de gênero ou orientação sexual", 36,4% deixaram a questão em branco. Enquanto a porcentagem das(os) participantes que afirmaram não ter precisado acionar a polícia devido à discriminação, intolerância a identidade de gênero ou orientação sexual corresponde a 40,7%.

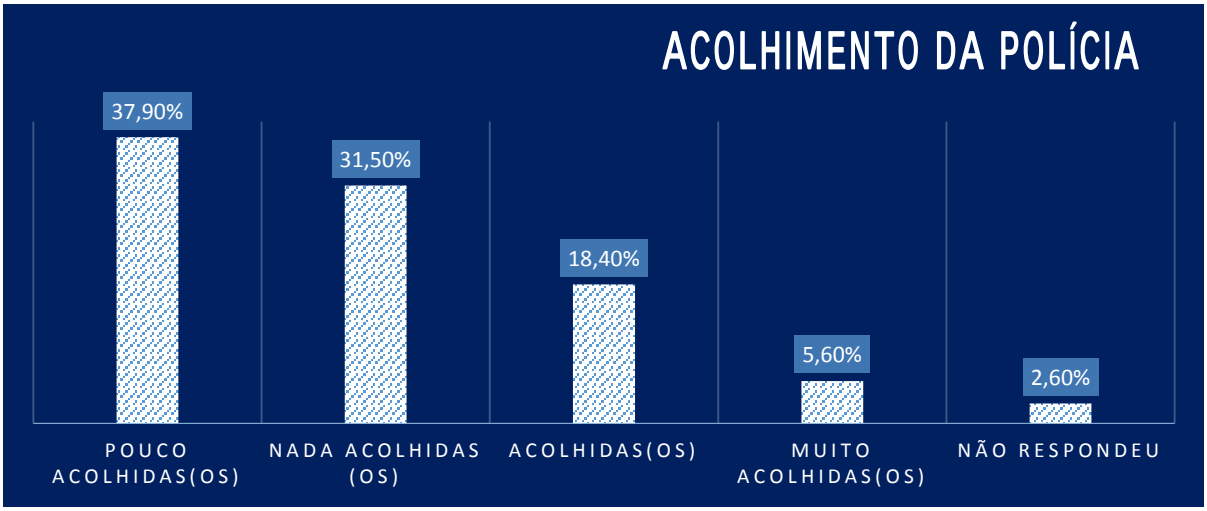
Ao analisar as(os) participantes que afirmaram ter **acionado a polícia** diante das situações mencionadas acima, esse número corresponde a 16,4% das(os) entrevistadas(os). Sendo 5,6% gays, 4% bissexuais, 2,6% heterossexuais, 2,4% lésbicas, 0,9% pansexuais, 0,5% "não respondeu", e 0,4% androssexuais e "não sabe". Já aqueles que não quiseram denunciar correspondem a apenas 3,8% das(os) participantes. Além disso, 2,7% não responderam a pergunta.

No tocante ao que se refere a aquelas(es) que acionaram a polícia mediante uma situação de discriminação de gênero ou orientação sexual, cerca de 49% **não tiveram a sua demanda atendida**, enquanto 43,3% responderam que sua demanda foi atendida. Já em relação ao número de pessoas que não sabem ou não responderam a questão corresponde a 7,7% das(os) participantes.

Dentre aquelas(es) que não acionaram a polícia, 2,1% afirmaram possuir "**descrença na polícia**", 0,7% disseram que não chamaram a polícia por **medo do agressor**, enquanto 0,5% não o fez por ter **medo da polícia**. Outros 0,5% não responderam o motivo e 0,2% afirmaram que não acionaram a polícia por preguiça e, 95,5% deixaram a questão em branco.

Acolhimento Polícia e Acolhimento Governo

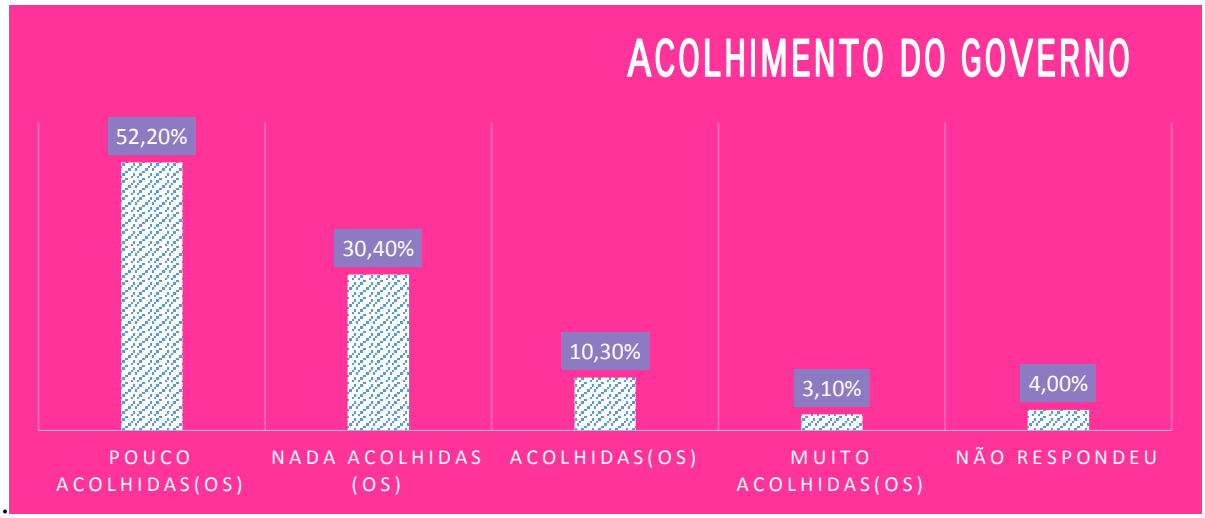
Com relação ao acolhimento da **polícia**, **37,9%** disseram se sentir **pouco acolhidas(os),** enquanto **31,5%** afirmaram se sentir **nada acolhidas(os)**. Já a porcentagem referente àquelas(es) que se sentiram **acolhidas(os)** é de **18,4%** e apenas **5,6%** se sentiram **muito acolhidas(os)**. No total, 4% das(os) participantes deixaram a pergunta em branco e **2,6% não quiseram responder**.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Ao fazer a análise em relação a como os participantes se sentem perante o governo, 52,2% afirmaram se sentir **pouco acolhidas(os),** sendo 19,5% gays, 11,8% bissexuais, 8,7% lésbicas, 8% gays, 3,5% pansexuais e apenas 0,7% não quiseram responder ou não sabem. Outra grande parte das(os) entrevistadas(os) responderam se sentir **nada acolhidas(os)** pelo governo (30,4%), desses 10,8% são gays, 8,3% são bissexuais, 5,4% são gays, 4,7% são heterossexuais e 1,2% são pansexuais.

Poucos responderam se sentir **muito acolhidas(os)** pelo governo, representando **3,1%** das respostas e **10,3%** afirmaram se sentir **acolhidas(os)**, 4% deixaram a questão em branco. A partir desses dados pode-se concluir que a grande **maioria** não se sente acolhida pela polícia e pelo governo[18]



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

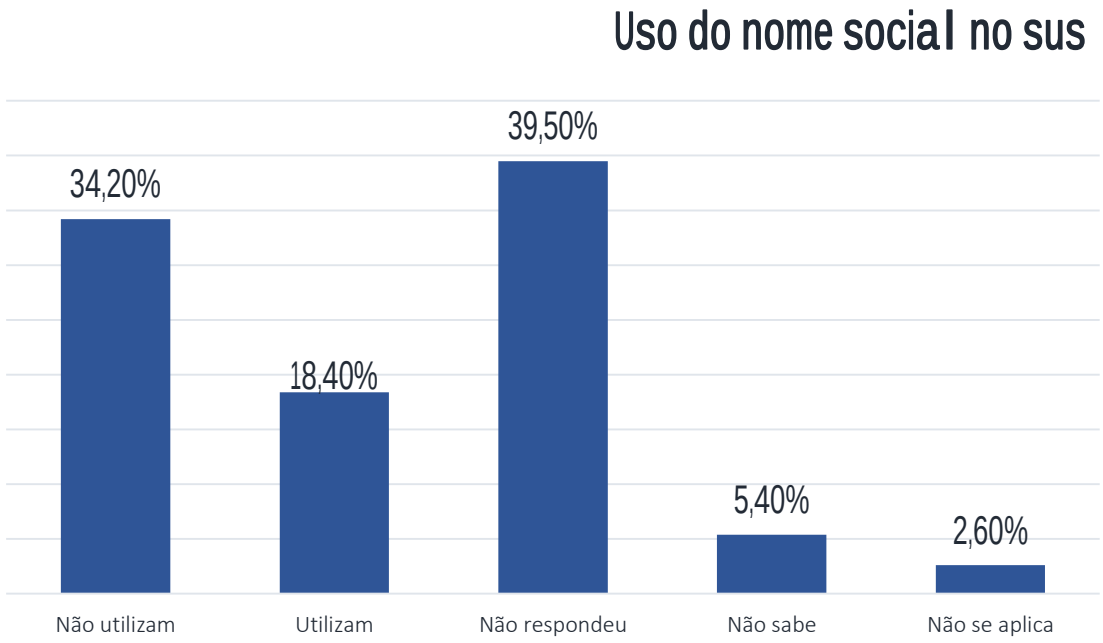
[18] Ao analisar as duas paradas - do ano passado e a de 2017 - percebe-se que foram desenvolvidas análises diferentes em relação ao acolhimento. O relatório da 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte dividiu em duas partes a análise, sendo uma voltada ao acolhimento pela polícia e outra ao acolhimento pelo governo. Já o relatório anterior utilizou uma análise mais geral, juntando esses dois ambientes para sua amostragem, logo por apresentarem amostragens diferentes não é possível fazer uma análise comparativa concisa.

BLOCO TRANS E TRAVESTI

As particularidades observadas durante a pesquisa acerca da população transexual e travesti levaram à criação de um bloco separado, dedicado a analisar e expor os dados colhidos na 20ª Parada LGBT, de Belo Horizonte, sobre esse grupo. Os dados colhidos no evento, quando comparados ao do ano anterior, apresentaram poucas mudanças.

Saúde

O uso do **nome social** nos atendimentos realizados no Sistema Único Saúde (SUS) é um **direito** das pessoas transexuais e travestis, garantido pela portaria número 1.820 do Ministério da Saúde. Entretanto, 34.2% dessas pessoas entrevistadas responderam que **não utilizam desse direito** quando atendidas pelo SUS, enquanto 18,4% disse que utiliza o nome social nessas situações; 39,5% não quiseram responder a pergunta; 5,3% afirmaram não saber se utilizam ou não; e 2,6% responderam "não se aplica".

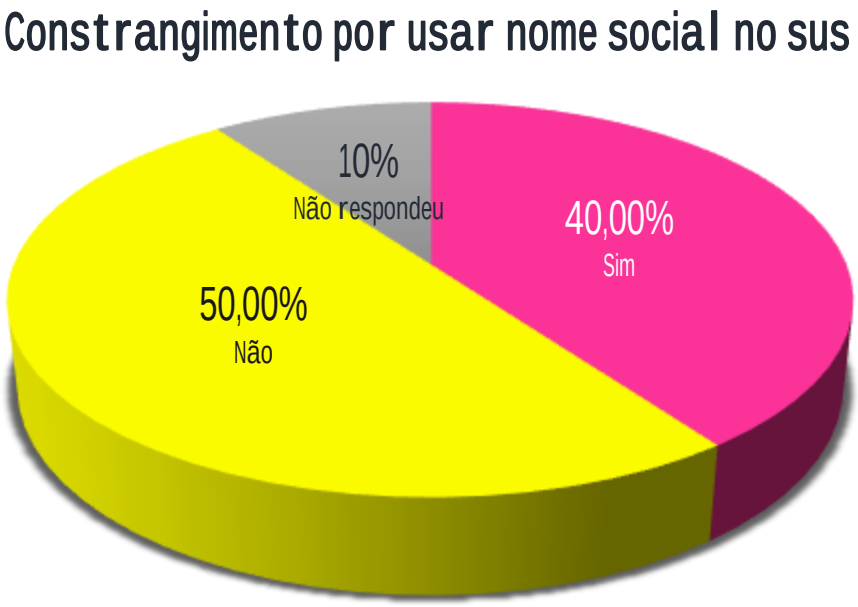


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Os motivos mais apontados pela não utilização do nome social no Sistema Único de Saúde foram o **medo de discriminação e constrangimento**, com **30,8%** das respostas; a **falta de apoio e reconhecimento da família**, com **15,4%**; e **15,3%** afirmaram **não terem nome social** ainda. **7,7%** disseram que o **SUS não aceitou** o uso do nome social; **7,7% optaram por não usufruir desse direito**; **7,7% não sabiam que podiam usar o nome social** nesse ambiente; **7,7% não quiseram responder**; e **7,7%** responderam "**não se aplica**".

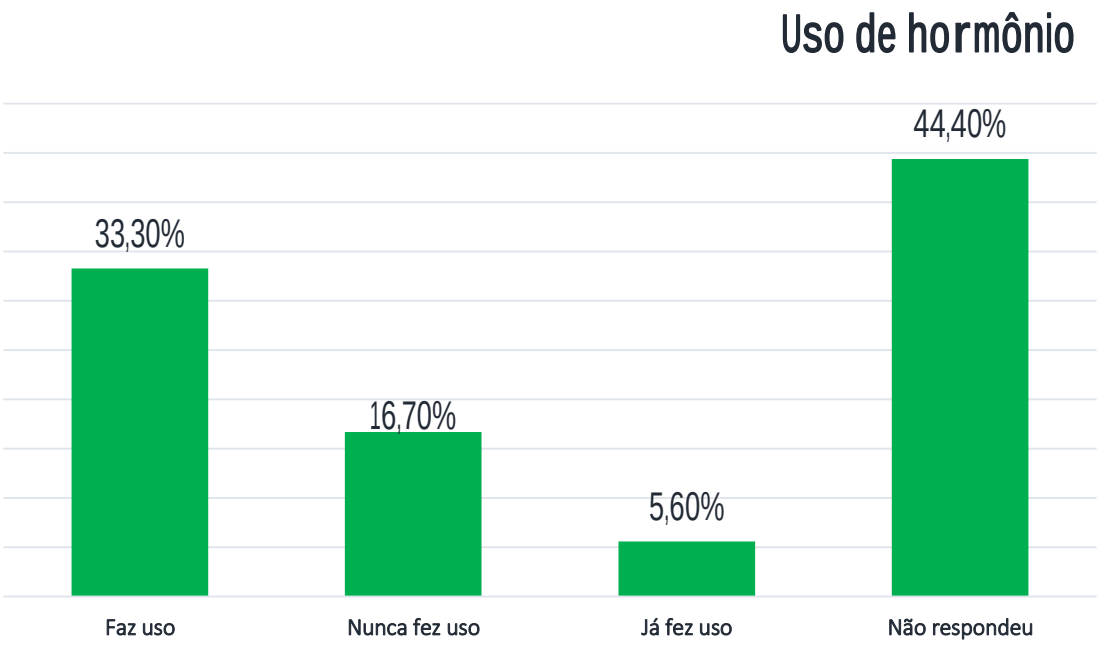
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Entre as(os) transexuais e travestis que responderam utilizar o nome social, 40% afirmaram que isso já lhes proporcionou algum **constrangimento** nos atendimentos médicos, enquanto 50% responderam o contrário, que não sofreram nenhum desconforto ou discriminação. 10% não quiseram responder a pergunta.

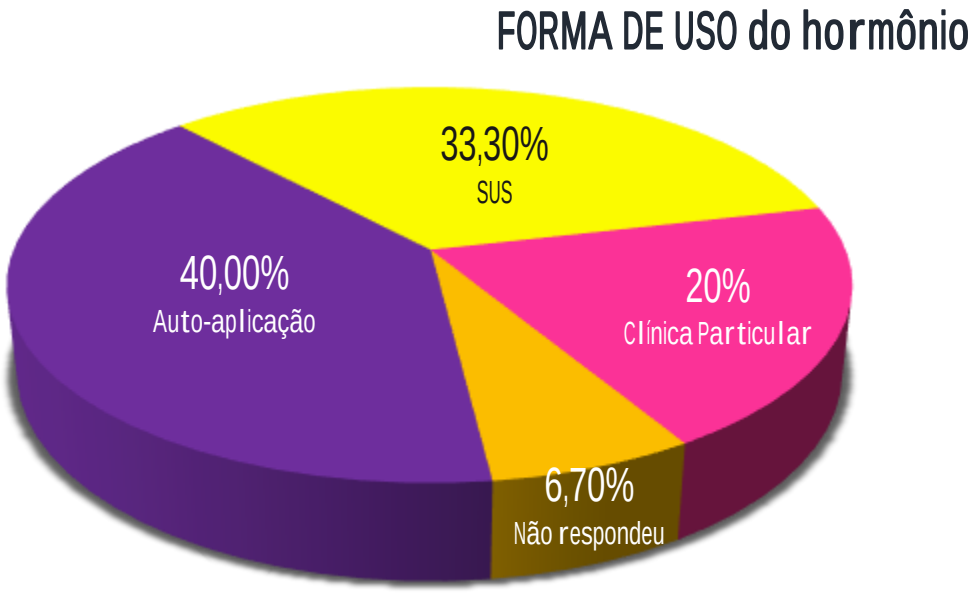


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Com relação a utilização de hormônios, 33,3% das pessoas transexuais e travestis entrevistadas fazer uso; 16,7% nunca fez uso; 5,6% já fez uso e parou; e 44,4% não quiseram responder a pergunta. A aplicação hormonal das pessoas que responderam fazer uso de hormônios, se dá, em sua maioria, pela **auto-aplicação**, com 40% das respostas; seguida por aquelas que fazem acompanhamento no SUS (33,3%); acompanhamento em clínicas particulares (20%); e 6,7% não responderam.



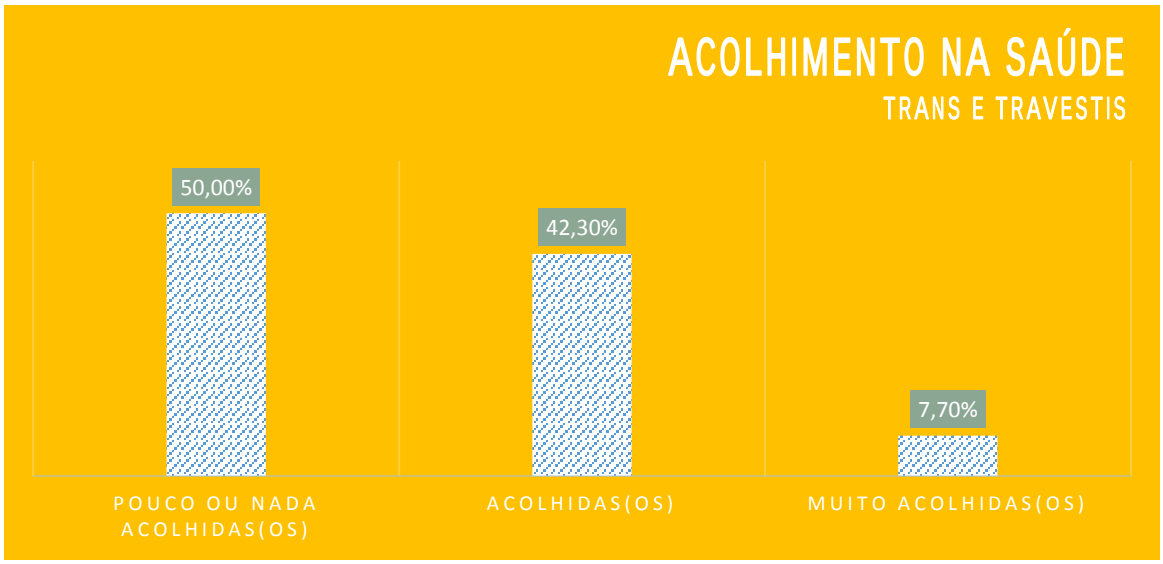
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

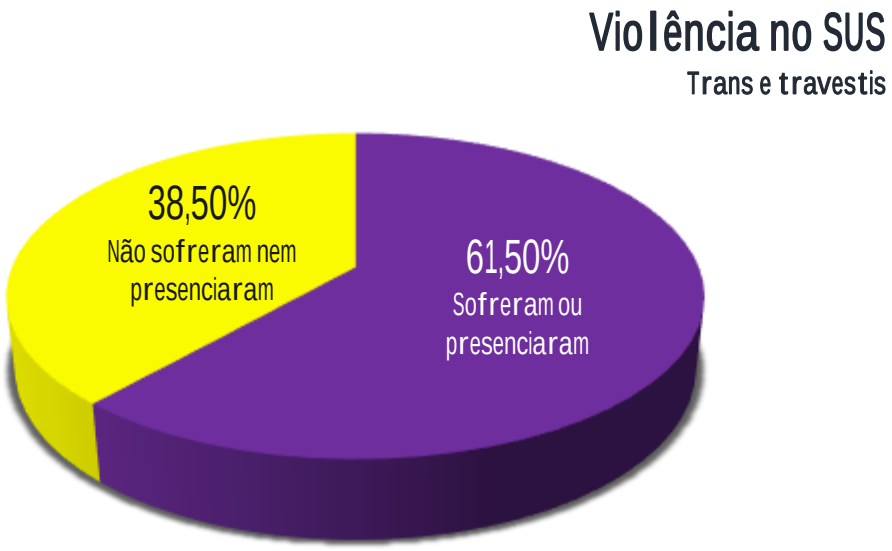
Quando perguntadas(os) sobre o motivo que lhes levaram a **suspender** o uso da aplicação hormonal, metade das entrevistadas (50%) disseram que foi devido aos **efeitos adversos** do tratamento e a outra metade (50%) respondeu que foi pela **falta de acompanhamento médico**.

Em relação ao acolhimento em postos de saúde e hospitais, **50%** das pessoas transexuais e travestis entrevistadas disseram se sentir **pouco ou nada acolhidas**, enquanto **42,3**% afirmaram sentir-se **acolhidas** e **7,7%** afirmaram que se sentem **muito acolhidas** nesses ambientes.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Por fim, a **maioria** das(os) participantes entrevistadas(os), correspondente a 61,5%, afirmou ter já ter **sofrido ou presenciado algum tipo de violência** em postos de saúde e hospitais motivados pela sua identidade de gênero (transfobia). Apenas 38,5% disseram nunca terem sofrido nenhum tipo de violência nesses espaços.

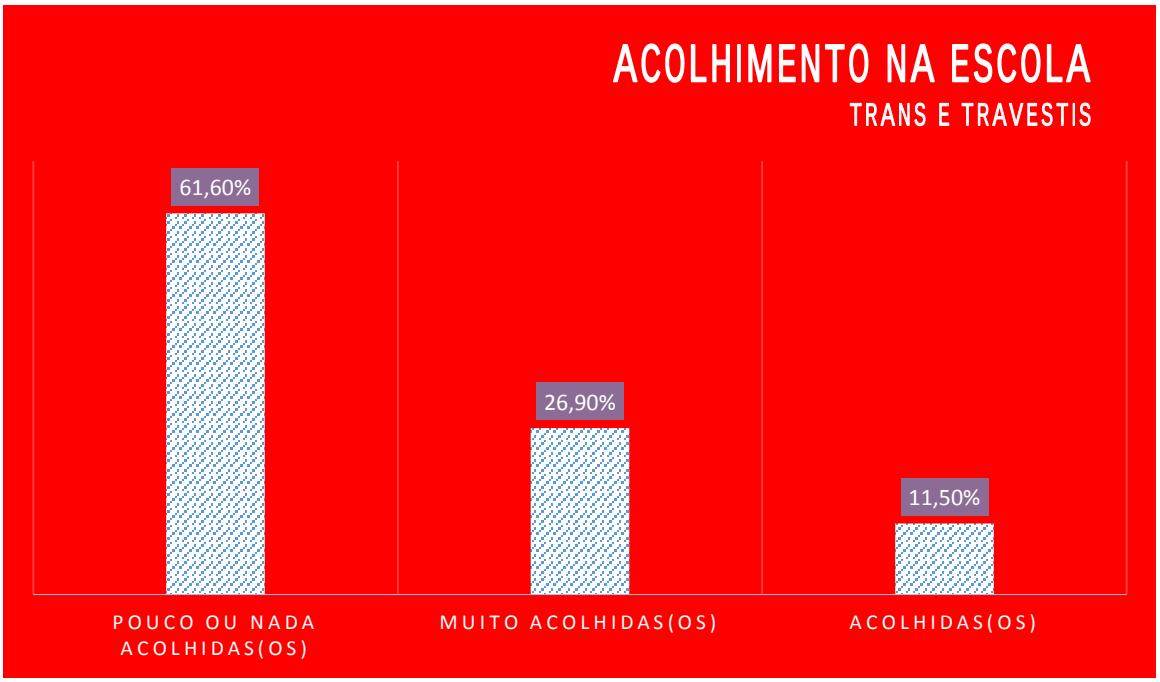


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

O tratamento igualitário na saúde de transexuais e travestis e a ampliação de seu acesso aos serviços de saúde perpassam o respeito ao nome social e o enfrentamento ao preconceito. Devido aos desafios enfrentados pelas pessoas transexuais e travestis no sistema de saúde, o Ministério da Saúde veiculou, em 2016, uma campanha sobre saúde trans[19], com o objetivo de orientar e conscientizar os profissionais da área acerca das demandas específicas dessa população. Contudo, ainda há muito a ser feito e percorrido na luta pela igualdade e respeito de transexuais e travestis na saúde.

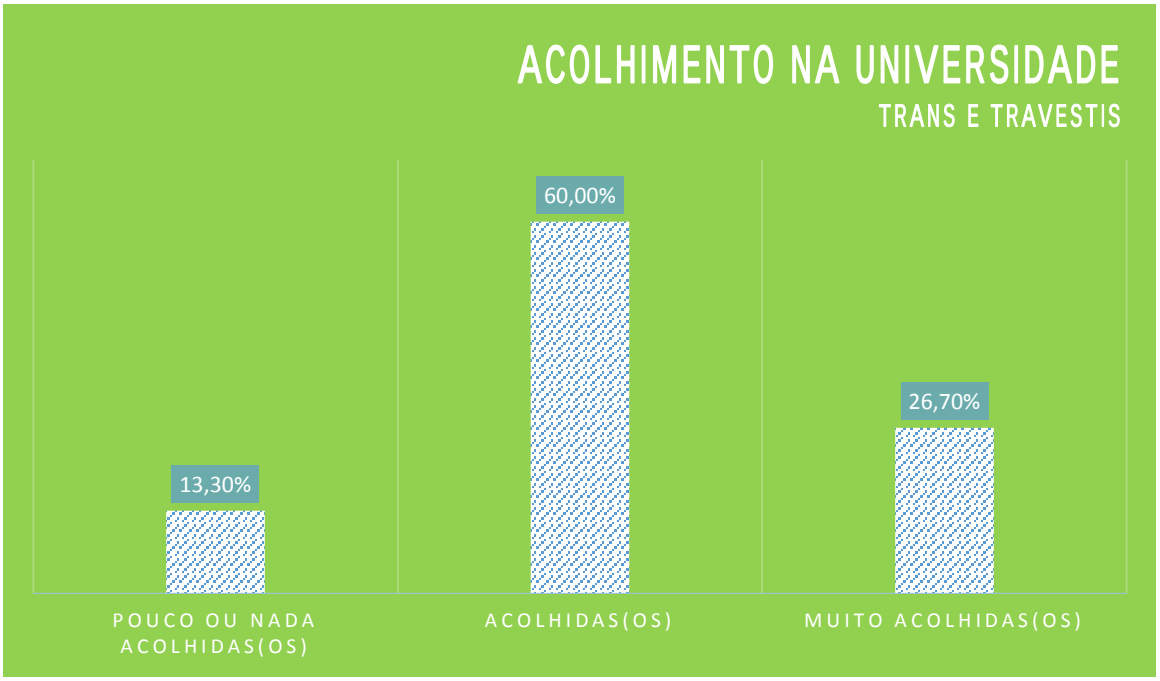
Educação

A **exclusão social** de pessoas transexuais e travestis é perceptível também no campo da educação. Quando perguntadas sobre a sua relação com a escola, **61,6%** dessas pessoas entrevistadas responderam se sentir **pouco ou nada acolhidas** no **ambiente escolar**, enquanto **26,9%** afirmaram sentir-se **muito acolhidas** e **11,5%** disseram que sentem-se **acolhidas**. Entretanto, esses números sofrem alterações no **âmbito universitário**: **13,3%** das(os) participantes desse grupo disseram sentir-se **pouco ou nada acolhidas(os**) na universidade; **60%** afirmaram sentir-se **acolhidas(os);** e **26,7%** responderam se sentir **muito acolhidas(os).**



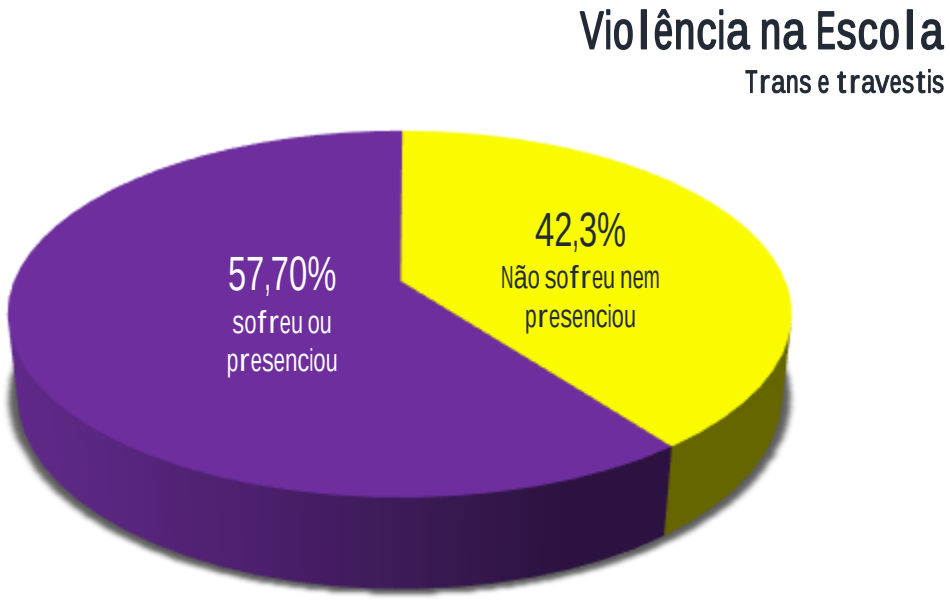
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

[19] Campanha "Cuidar bem da saúde de todos. Faz bem para o Brasil", veiculada pelo Ministério da Saúde em 2016.

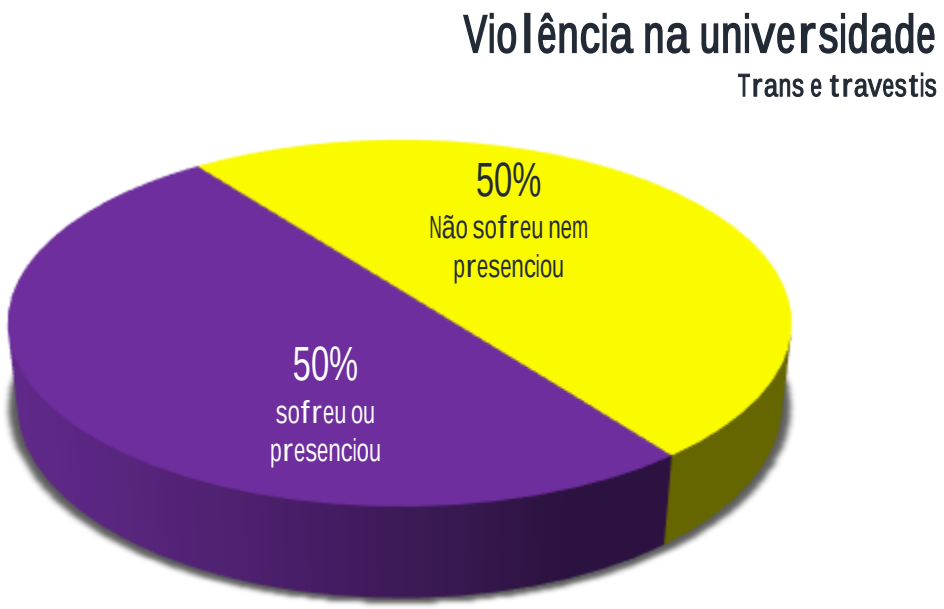


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Mais da metade (57,7%) das transexuais e travestis participantes do evento afirmaram ter **sofrido ou presenciado algum tipo de violência** em decorrência de sua identidade de gênero (transfobia) no ambiente escolar. Na universidade, o número correspondente àquelas pessoas que relataram ter sofrido ou presenciado atitudes violentas motivadas pela discriminação e preconceito de gênero é de 50%.

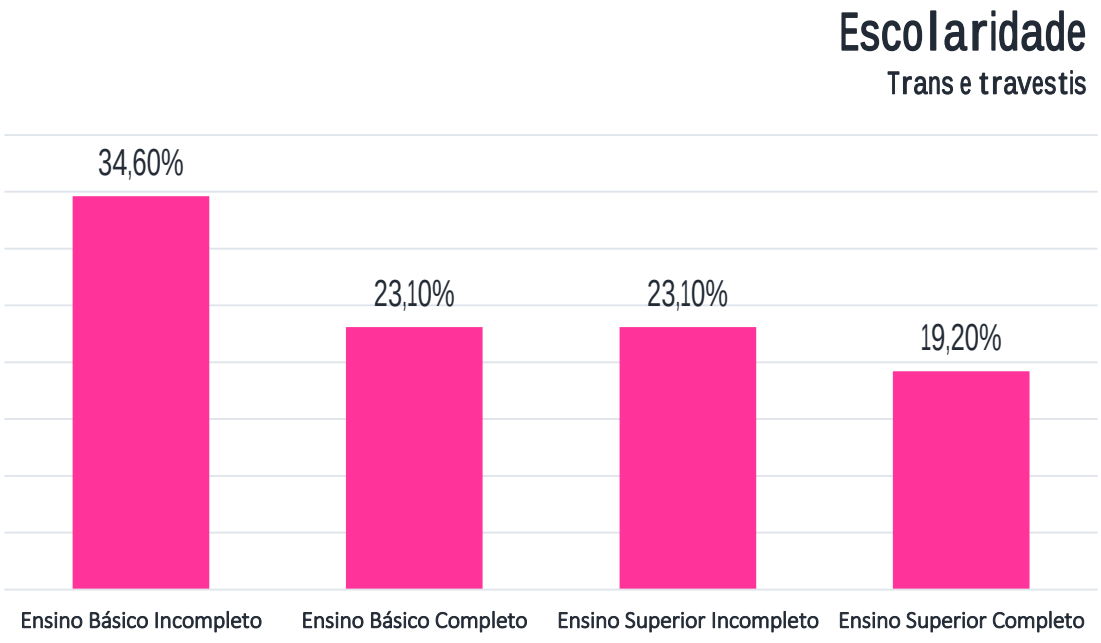


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

A maioria das pessoas transexuais e travestis entrevistadas na 20ª Parada LGBT de Belo Horizonte possui o **ensino básico completo**, correspondendo a **34,6%** das respostas. Por sua vez, **23,1%** dessas(es) participantes possui **o ensino básico incompleto**, **23,1%** possui o **ensino superior incompleto** e **19,2%** têm o **ensino superior completo**. É importante ressaltar que não há nenhuma transexual ou travesti na pós-graduação, o que demonstra ainda mais o **distanciamento dessas pessoas do meio acadêmico e universitário**.

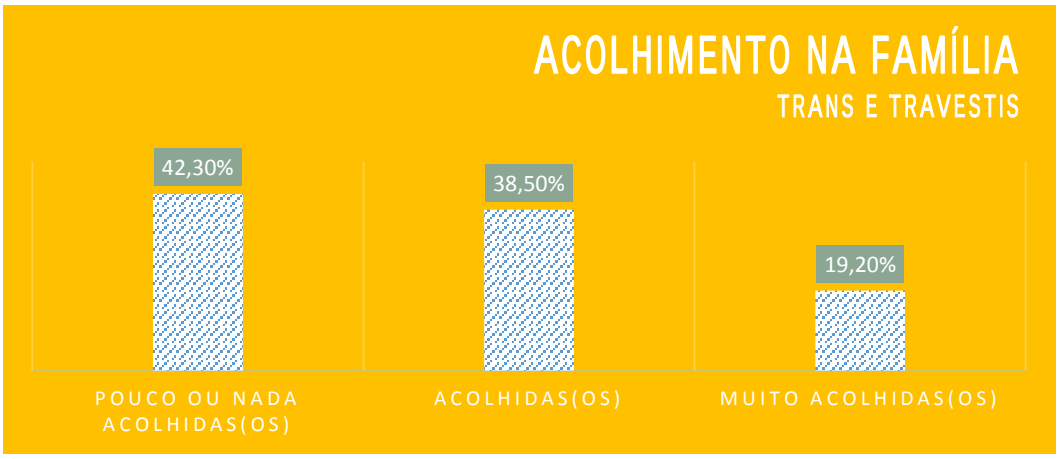


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

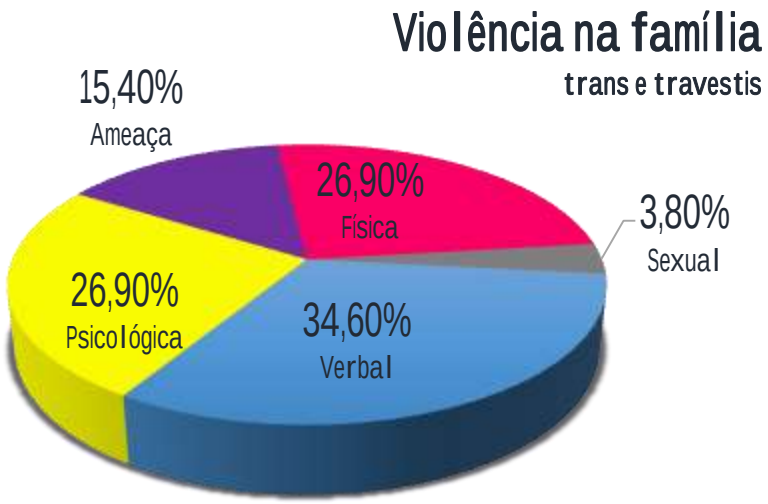
A maior diferença entre os dados colhidos esse ano, para as informações do evento anterior, compreendem-se na escolaridade das pessoas trans e travestis. O relatório da 19ª Parada do Orgulho LGBT analisou apenas a porcentagem do nível de ensino de mulheres trans e travestis. A análise desse ano compreende também, em seus números, a escolaridade de homens trans, razão essa que não possibilita uma comparação precisa com a pesquisa passada.

Família

Ao serem perguntadas sobre sua relação com a família, **42,3%** das pessoas transexuais e travestis relataram se sentir **pouco ou nada acolhidas** no âmbito familiar, **38,5%** disseram sentir-se **muito acolhidas** e **19,2%** sentem-se **acolhidas**. Além disso, mais da metade (**61,5%**) das entrevistadas afirmou já ter **sofrido** ou **presenciado atitudes violentas** de familiares em decorrência de sua identidade de gênero. Entre os tipos de **violência sofridos** estão: a **violência verbal**, com a maior parte das respostas, correspondendo a **34,6%**; a **violência física**, com **26,9%**; a **violência psicológica**, também com **26,9%**; a **ameaça**, com **15,4%**; e a **violência sexual**, com **3,8%** das respostas.



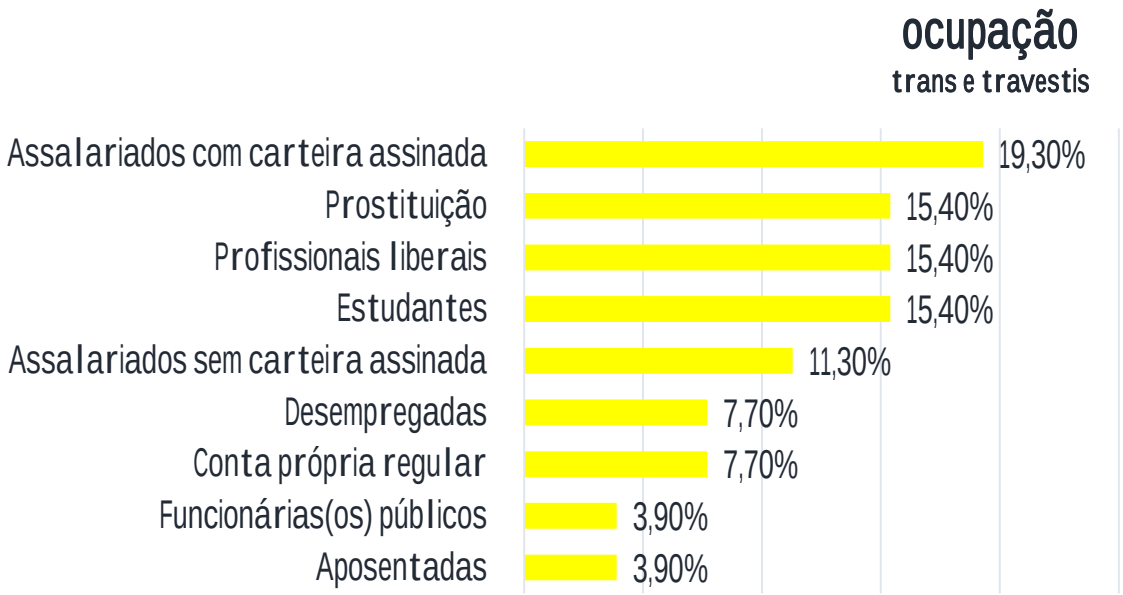
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

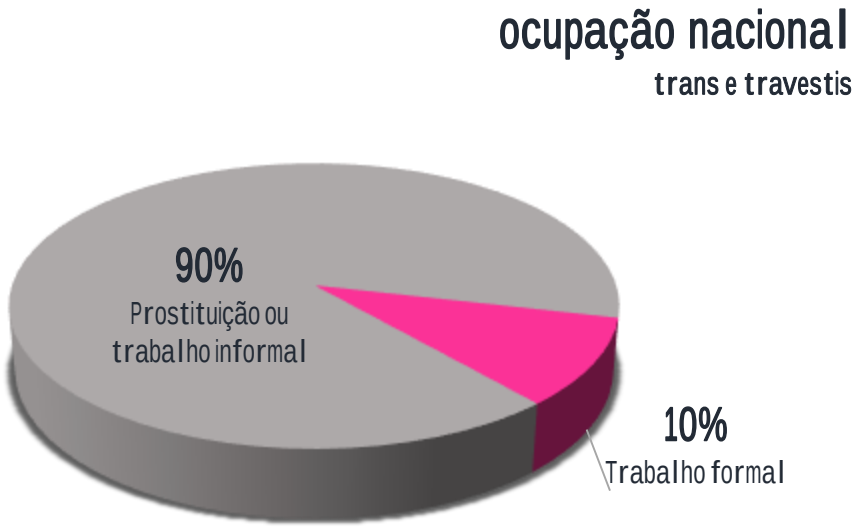
Trabalho

O **acesso ao mercado de trabalho formal** é uma questão muito relevante para pessoas transexuais e travestis, que ainda enfrentam muita dificuldade e preconceito para conseguir um emprego regularizado. Quando perguntadas(os) sobre a sua ocupação atual, **15,4%** das(os) entrevistadas(os) disseram estar em situação de **prostituição**, **15,4%** responderam que são **profissionais liberais**, **15,4%** afirmaram ser **estudantes** e **19,3%** disseram ser **assalariados com carteira assinada**. Ainda nessa questão, **11,3%** responderam ser **assalariados sem carteira assinada**, **7,7%** disseram trabalhar por **conta própria regular**, **7,7%** afirmaram estar **desempregadas(os)**, **3,9%** responderam que são **aposentadas(os)**, **3,9%** disseram ser **funcionárias(os) públicos**.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

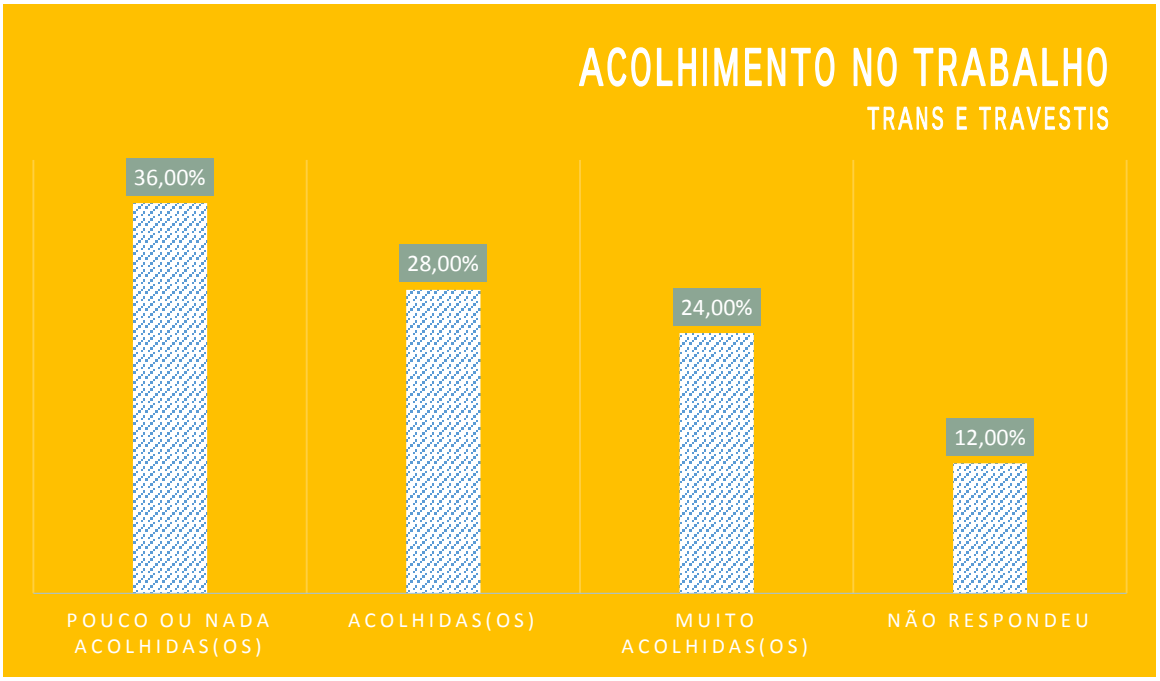
As estimativas, de âmbito nacional, realizadas pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA, apontam que 90% das pessoas desse grupo encontra-se em situação de prostituição ou informalidade. Por sua vez, de acordo com esse estudo, apenas 10% trabalham registradas e formalmente.



Fonte: Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA

A maioria das(os) transexuais e travestis (**61,5%**) que participaram da pesquisa da 20ª Parada LGBT de Belo Horizonte disseram já ter **sofrido ou presenciado violência no trabalho** em decorrência da sua identidade de gênero (**transfobia**). Já em relação ao grau de **acolhimento** que essas pessoas sentem no ambiente de trabalho, **36%** disseram se sentir **pouco ou nada acolhidas(os),** enquanto **28%** afirmaram se sentir **acolhidas(o)**, **24%** se sentem **muito acolhidas(os)** e 12% não quiseram responder essa questão.

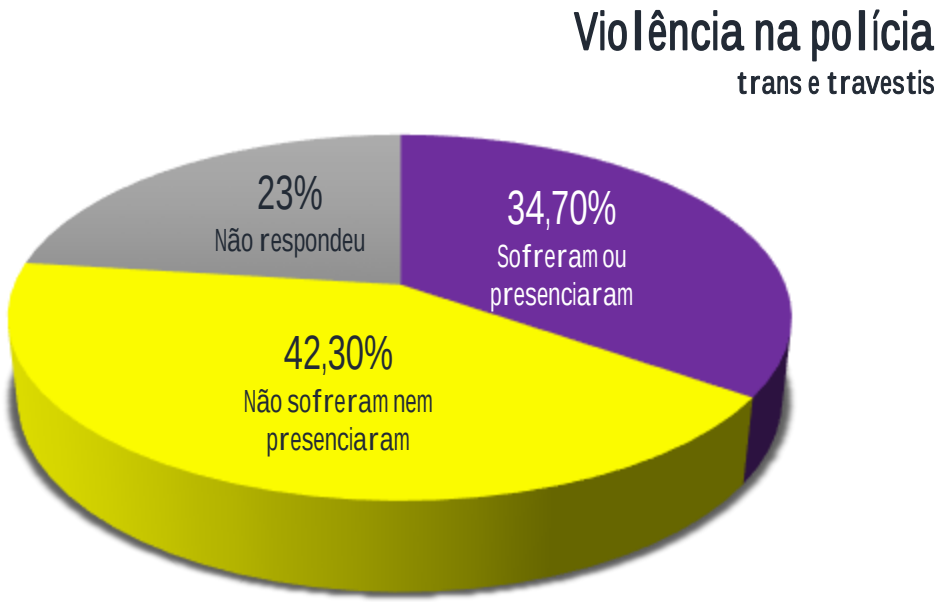
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Violência e Segurança Pública

Ao serem questionadas(os) sobre a temática de segurança pública, **27%** das pessoas transexuais e travestis responderam que já **precisaram acionar a polícia**, para a sua segurança ou de outra pessoa, devido à **discriminação** à identidade de gênero ou orientação sexual. **7,7%** disseram que vivenciaram essa situação **mas não quiseram acionar a polícia**, **42,3%** afirmaram que **nunca precisaram** tomar tal atitude e **23%** não quiseram responder.

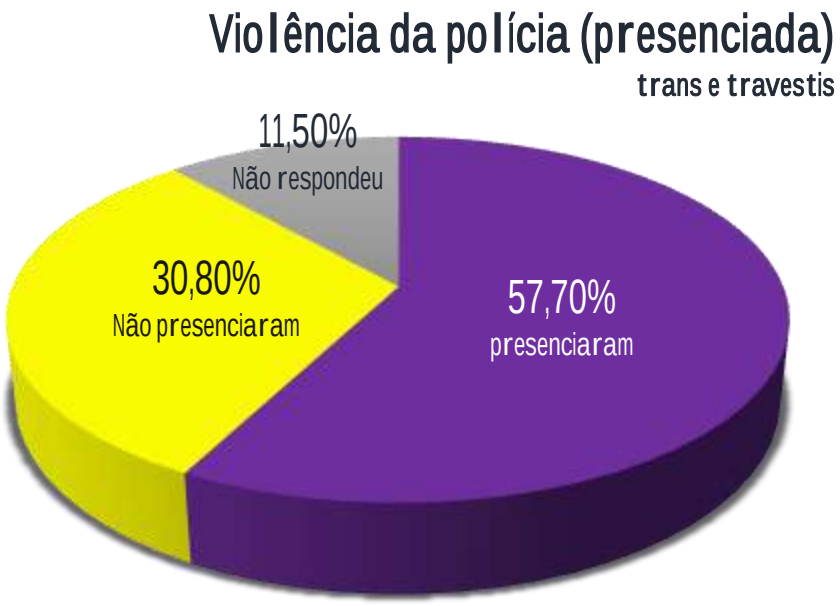


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

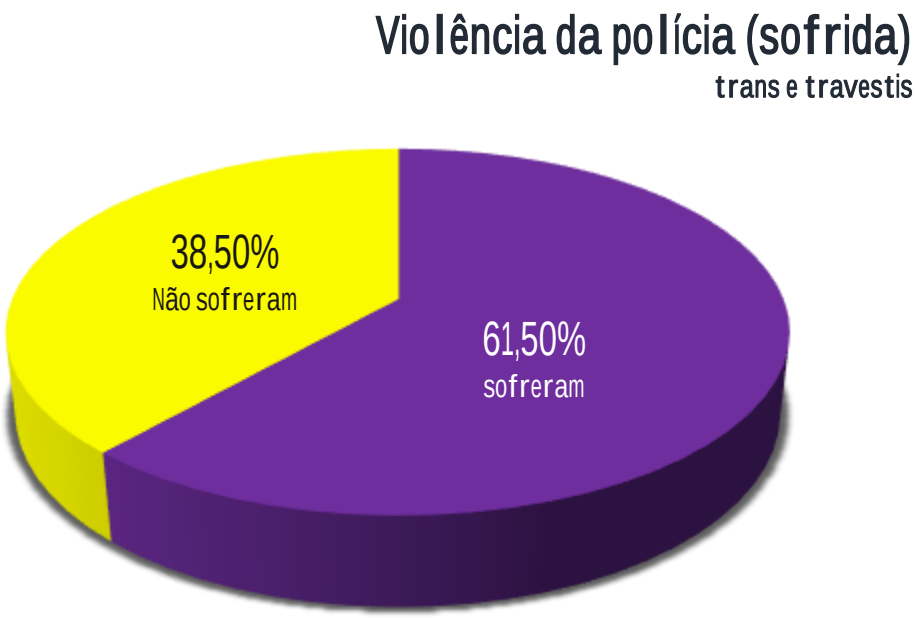
Entre aquelas(es) que responderam ter recorrido à ajuda policial, **57,1% não se sentiram bem atendidas(os)** na sua demanda. Já em relação ao registro correto da ocorrência, **57,2%** disseram que o boletim de ocorrência foi documentado como **intolerância à identidade de gênero ou orientação sexual**, enquanto **28,5%** responderam o seu registro **não continha esses campos** relatados e **14,3% não soube responder** se isso ocorreu ou não.

Metade das(os) transexuais e travestis que não quiseram denunciar o preconceito vivenciado disseram que não acionaram a polícia devido ao **medo** que sentem em relação a essa instituição e seus profissionais, enquanto a outra metade respondeu possuir **descrença na polícia** para a resolução do caso.

A maioria dessas pessoas entrevistadas (**57,7%**) disse já ter presenciado algum tipo de discriminação ou violência **realizado pela polícia** em decorrência da identidade de gênero ou orientação sexual de outra pessoa. Sobre essa mesma pergunta, **30,8%** disseram **não haver presenciado** tais atitudes e 11,5% não quiseram responder. Os números aumentam ao ser abordada a **violência sofrida**: **61,5%** das pessoas transexuais e travestis disseram já ter **sofrido algum tipo de violência da polícia** motivada pela intolerância à sua identidade de gênero (transfobia) ou orientação sexual.

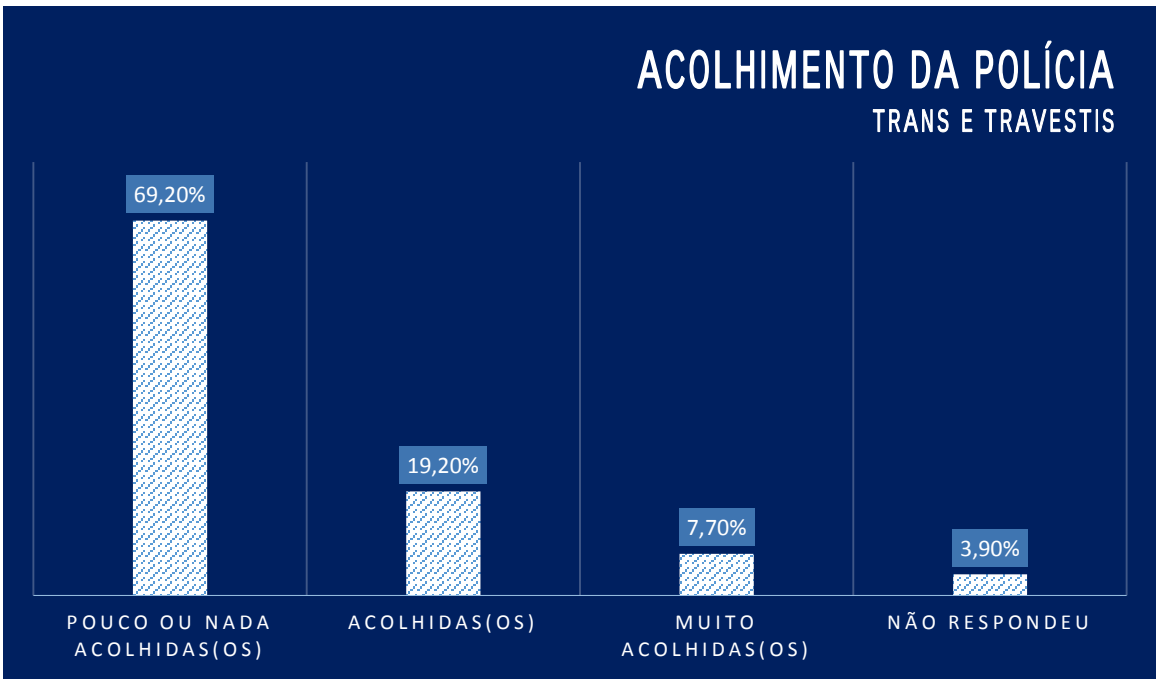


Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

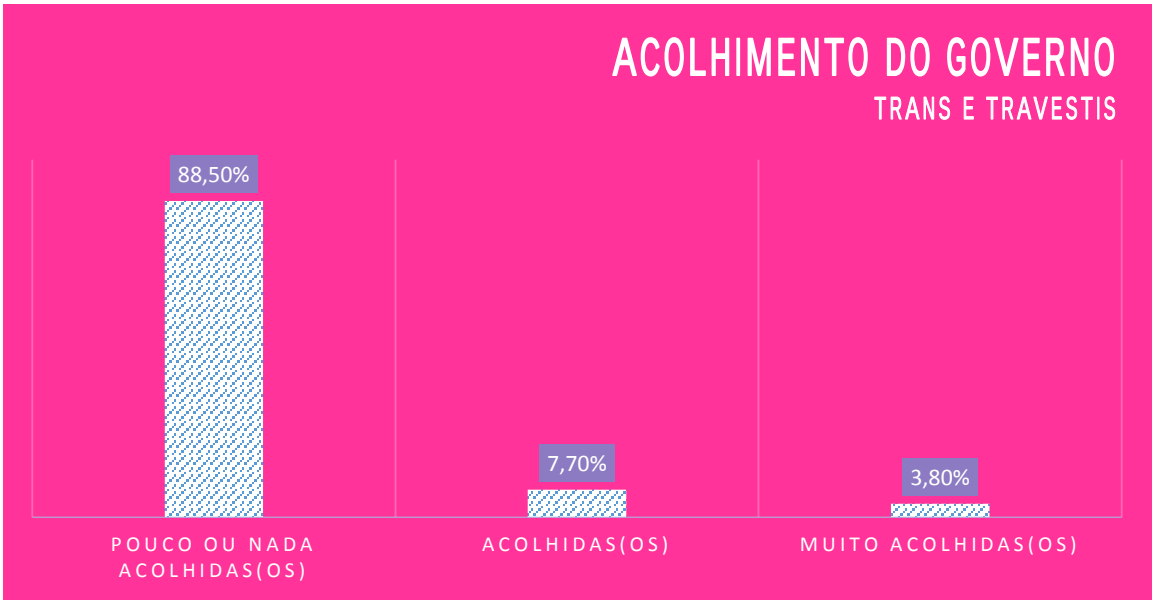
Isso reflete-se no grau de **acolhimento** que esse grupo sente em relação à **polícia**: **69,2%** diz se sentir **pouco ou nada acolhidas(os)**, enquanto **19,2%** afirma se sentir **acolhidas(o)**, **7,7%** disseram sentir-se **muito acolhidas(os)** e 3,9% não quiseram responder.



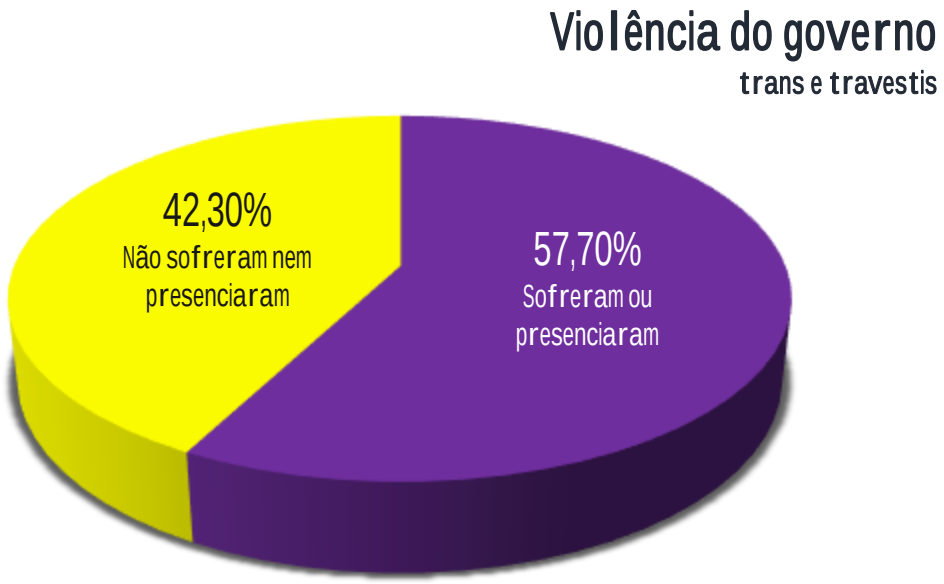
Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

Quando questionadas sobre sua relação com o **Governo**, os números são ainda mais significativos: **88,5%** das pessoas transexuais e travestis sentem-se **pouco ou nada acolhidas**, apenas **7,7%** disseram sentir-se **acolhidas** e **3,8%** afirmaram se sentir **muito acolhidas**. **57,7%**

das pessoas desse grupo entrevistadas no evento relataram **já ter sofrido ou presenciado** algum tipo de violência por parte do Governo (instituições e pessoas que as representam) causada pela discriminação à sua identidade de gênero ou orientação sexual.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.



Fonte: Pesquisa Diverso 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte 2017.

O **Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis no mundo**, segundo os dados divulgados pela **Transgender Europe – TGEu** em novembro de 2016. A **expectativa de vida** de uma travesti brasileira é de **35 anos**, de acordo com a União Nacional LGBT. Os dados colhidos na pesquisa refletem a **violência e a exclusão** enfrentadas por essas pessoas, principalmente no que tange à sua segurança e acolhimento por parte de instituições policiais e governamentais.

CONCLUSÕES

A 20ª Parada de Orgulho LGBT de Belo Horizonte foi marcada pela diversidade. Em relação ao ano passado, a parada belorizontina cresceu, aumentando seu público e sua visibilidade. Esse ano, a Parada foi considerada o maior evento LGBT de Minas Gerais e o segundo maior do Brasil. O evento reuniu pessoas de diferentes idades, identidades de gênero, raças/cores, orientações sexuais e convicções políticas.

Diante de tantos sujeitos plurais, não podemos encarar esses dados de maneira homogênea. É importante ter em mente a sensibilidade interseccional na análise dos dados coletados e na produção de um relatório crítico, de maneira a reconhecer as interdependências entre as relações de gênero, classe, orientação sexual e raça na produção das singularidades e opressões específicas vivenciadas por cada sujeito LGBT. As informações colhidas no evento refletem as situações de vulnerabilidade e invisibilidade dessa população na nossa sociedade, e reforçam a necessidade urgente da criação e da manutenção de iniciativas públicas que visem a promoção da saúde, da educação, do acesso ao mercado de trabalho, da segurança e do enfrentando a discriminação e preconceito em suas mais variadas formas.

O resultado da pesquisa da 20ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, realizada pelo Diverso UFMG - Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero **em conjunto com a Prefeitura de Belo Horizonte e com a ajuda** de importantes parceiros (CELLOS-MG, Belotur, e SEDPAC - Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania) constitui uma importante base de dados sobre a população LGBT na capital mineira. Dentre seus objetivos estão: auxiliar futuras análises e iniciativas dirigidas à ampliação da inclusão social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, bem como outras identidades de gênero e expressões de sexualidade, na busca por respeito em uma sociedade mais igualitária, diversa e plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação SEDH. Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília: SEDH, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Campanha LGBT – Saúde das Mulheres Lésbicas e Bissexuais: "Cuidar bem da saúde de todas. Faz bem para as Mulheres Lésbicas e Bissexuais. Faz bem para o Brasil". 2015. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2015/setembro/02/Campanha-para-lesbicas-bissexuais.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. Campanha LGBT – Saúde Trans: "Cuidar bem da saúde de cada um. Faz bem para todos. Faz bem para o Brasil". 2016. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf >

SANTOS, Thays Cristhine da Costa; RAUSCH, Antônio Augusto Lemos; PEREIRA, Bruna Demétrio; TANURE, Lohana Morelli. Relatório da 19ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Diverso UFMG, 2016. Disponível em: <http://www.diversoufmg.com/publica--es.html>

RAMOS, Marcelo Maciel; BRENER, Paula Rocha Gouvêa; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá. (Org.). *Gênero, Sexualidade e Direito: uma introdução*. Belo Horizonte: Initia Via, 2016.

TRANSGENDER EUROPE – TGEu. TMM Update Trans Day Of Remembrance, 2016. Disponível em: <http://transrespect.org/en/tmm-trans-day-remembrance-2016/>